

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

MARIO ALEXANDRE GARCIA LOPES

MIGRAÇÃO, MISSÃO E ALTERIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES AFRICANOS EM ACARAPE/CE

SÃO PAULO

2025

Mario Alexandre Garcia Lopes

MIGRAÇÃO, MISSÃO E ALTERIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES AFRICANOS EM ACARAPE/CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito final no curso de Bacharel em  
Teologia da Faculdade Teológica Batista  
de São Paulo.

Orientador: Profa. Dra. Analzira Nascimento

São Paulo

2025

Lopes, Mário Alexandre.

Migração, missão e alteridade: contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica a partir da experiência com estudantes africanos em Acarape/CE. / Mário Alexandre Lopes. – São Paulo: 2025.

76 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Profa. Dra. Analzira Nascimento

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Mário Alexandre Garcia Lopes

MIGRAÇÃO, MISSÃO E ALTERIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO  
DE UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM  
ESTUDANTES AFRICANOS EM ACARAPE/CE

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Analzira Nascimento - Orientadora

Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz

## Agradecimentos

A Deus, por conduzir minha família até a cidade de Acarape/CE para conhecer uma comunidade especial de jovens de Guiné-Bissau falando a língua guineense no sertão do Ceará.

A Walquíria Béda Lopes, amada e companheira. Meu pensamento era fazer um Trabalho de Conclusão de Curso na área da exegese. Ela me desafiou: “Poesia é voar fora das asas” (Manoel de Barros). Ouse voar fora das asas, escreva sobre o que você diz para os alunos. Documente as vozes da diáspora africana. Parecia impossível... Obrigado pela sua ajuda nas gravações, nas correções de português e na decoração do TCC. No futuro, a exegese terá o seu tempo...;

Ao meu companheirinho, Benjamim Béda Lopes, empolgado em ouvir as aulas gravadas da Faculdade Teológica Batista de São Paulo: “Pai, você vai escutar a teológica?”;

À Profa. Dra. Analzira Nascimento pela orientação com uma leitura assertiva sempre trazendo contribuições, reflexões, conselhos e questionamentos que ajudaram a avançar a pesquisa;

Às comunidades guineenses evangélica e da Unilab: *mantenhas garandi pa bos! Tempu sabi dimais!* De muita aprendizagem sobre a realidade da migração do estudante guineense para o Brasil;

Às igrejas locais, amigos e familiares que nos sustentaram em orações e ofertas em Acarape/CE;

À Faculdade Teológica Batista: por cada professor que abriu oportunidades para conhecer a riqueza da teologia. Cada disciplina foi uma ponte para trabalhar em Acarape a relação entre fé e ciência;

À Rede de Ensino da Convenção Batista de São Paulo pela bolsa de estudo concedida durante os quatro anos.

*“When we love and respect people,  
revealing to them their value, they can  
begin to come out from behind the walls  
that protect them.”*  
(Jean Vanier, fundador do projeto Arca).

## RESUMO

A presente pesquisa busca trazer contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica voltada para a comunidade de migrantes africanos no Brasil. Atualmente a chegada de migrantes africanos no Brasil tem crescido. Esse fato é confirmado com os dados da pesquisa de Baeninger, Demétrio, Meniconi (2019) que apontou a chegada entre 2000 a 2017 de 52.728 migrantes africanos em nosso país. Esse dado mostra um desafio missionário para a atuação das igrejas locais. Nesse contexto social, a igreja local precisa desenvolver uma prática missionária acolha e que a aproxime do migrante africano. Portanto, essa pesquisa tem o objetivo de contribuir para uma missiologia diaspórica a partir de uma prática missionária relacional-encarnacional da igreja local entre os migrantes africanos. Essa pesquisa primeiramente apresenta a situação global das migrações com o foco na diáspora africana no Brasil. Em seguida, analisa o conceito de alteridade tendo como referência a vida de Jesus. Depois, descreve a metodologia qualitativa feita por meio de entrevista aberta com seis estudantes guineenses universitários na cidade de Acarape/CE. O objetivo das entrevistas foi perceber quais são os desafios que os estudantes guineenses enfrentam no processo da migração e no dia a dia na cidade de Acarape/CE. A partir da escuta dos estudantes relatando as várias realidades vivenciadas por eles na diáspora, podemos propor práticas missionárias que contribuam para uma maior aproximação entre a igreja local e os migrantes africanos. O resultado das entrevistas mostra que os estudantes guineenses vivem sua vida e seus projetos de vida na diáspora em relacionamentos comunitários. Portanto, uma prática missionária para a igreja local precisa servir as comunidades diaspóricas africanas no Brasil, criando pontes de relacionamentos com esses migrantes na diáspora.

**Palavras-chaves:** migração africana, prática missionária, alteridade, diáspora.

## ABSTRACT

This research seeks to contribute to the construction of a diasporic missiology focused on the African migrant community in Brazil. Currently, the arrival of African migrants in Brazil has been growing. This fact is confirmed by data from the research by Baeninger, Demétrio, and Meniconi (2019), which pointed to the arrival of 52,728 African migrants in our country between 2000 and 2017. This data shows a missionary challenge for the work of local churches. In this social context, the local church needs to develop a welcoming missionary practice that brings it closer to African migrants. Therefore, this research aims to contribute to a diasporic missiology based on a relational-incarnational missionary practice of the local church among African migrants. This research first presents the global situation of migration with a focus on the African diaspora in Brazil. It then analyzes the concept of otherness with reference to the life of Jesus. Next, it describes the qualitative methodology used through open interviews with six Guinean university students in the city of Acarape, Ceará. The objective of the interviews was to understand the challenges that Guinean students face in the migration process and in their daily lives in the city of Acarape/CE. By listening to the students recount the various realities they experience in the diaspora, we can propose missionary practices that contribute to a closer relationship between the local church

**Keywords:** African migration, missionary practice, otherness

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	15
<b>1. Migrações: aspectos globais e a diáspora africana no Brasil</b> .....	<b>15</b>
1.1 Mobilidade humana: uma área de pesquisa .....	16
1.2 Situação atual sobre a migração no mundo e no Brasil .....	17
1.3 Tipologia da migração .....	20
1.4. Dados demográficos sobre a migração africana no Brasil .....	28
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>31</b>
<b>2 .Migração e alteridade: desafios para a construção de uma prática missionária relacional-encarnacional diaspórica</b> .....	<b>31</b>
2.1 – Definição de alteridade .....	31
2.2 – Jesus Cristo modelo de alteridade na construção de uma prática missionária encarnacional .....	34
2.2.1 – A oração: lugar de ambiência para aprender sobre alteridade .....	36
2.2.2 – Cristo: aspectos de uma vivência de alteridade .....	38
2.2.3 – A alteridade de Cristo e a resignificação do inimigo como próximo .....	39
2.3 – Migração e alteridade: sensibilidade aos desafios da vida do migrante africano no Brasil .....	41
2.3.1 – A lógica desigual da migração .....	41
2.3.2 – As novas identidades sociais dos migrantes africanos no Brasil .....	42
2.3.3 O migrante africano: emoções e saúde mental .....	44
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>46</b>
<b>3. Refletindo sobre alteridade através da metodologia do olhar, ouvir e escrever</b> .....	<b>46</b>
3.1 – Olhar, ouvir e escrever: uma metodologia de pesquisa voltada para a alteridade .....	46
3.2 Entendendo o contexto da pesquisa: a diáspora universitária africana na região do sertão no Estado do Ceará.....	50
3.3 – Organização e análise do <i>corpus</i> : ouvindo a comunidade da diáspora africana .....	53
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>54</b>
<b>Missão e alteridade: contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica</b> .....	<b>54</b>
4.1 Construindo uma missiologia diaspórica através da conscientização .....	56

4.2 Construindo uma missiologia diaspórica sensível à realidade social do migrante africano .....	58
4.3 Construindo uma missiologia diaspórica através de uma prática missionária encarnacional-relacional .....	65
4.3.1 <i>Fo kaira Coworking</i> : um espaço missionário de acolhimento, partilhas e empatia .....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
Livros.....	73
Artigos .....	74
Teses .....	75
Documentos da internet .....	76

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Dados estatísticos da migração global	19
<b>Quadro 2</b> – Países migrantes para o Brasil em 2024	19
<b>Quadro 3</b> – Dados estatísticos de migrantes mortos	19
<b>Quadro 4</b> – Tipologia das migrações internacionais e locais	26
<b>Quadro 5</b> – Países africanos migrantes para o Brasil.....	29
<b>Quadro 6</b> – Profissão dos migrantes africanos no Brasil	29
<b>Quadro 7</b> – Informação sobre os estudantes entrevistados	53
<b>Quadro 8</b> – Eixos temáticos das entrevistas com os estudantes universitários guineenses	55
<b>Quadro 9</b> – Cosmvisão dos guineenses sobre o Brasil	57
<b>Quadro 10</b> – A dupla ausência	59

## INTRODUÇÃO

A escrita da presente pesquisa intitulada “Migração, missão e alteridade: contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica a partir da experiência com estudantes africanos em Acarape/CE” é tecida a partir da trajetória missionária de minha família desde 2009. Observando a nossa caminhada missionária, o início foi caracterizado pelo chamado para ser missionário com o trabalho voltado para as áreas da tradução da bíblia e da educação no continente africano. Nesta época, nossa concepção sobre a África era marcada pelo fato de que iríamos transformar o continente africano levando a tradução da bíblia e a educação. Não sabíamos sobre a profundidade e a complexidade espiritual, sócio-histórica e econômica contidas nos países do continente africano. Hoje ao olhar para trás, posso perceber como Deus foi nos conduzindo para conhecer realidades cada vez mais específicas relacionadas ao contexto de vida numa parte do continente africano.

Fomos enviados com o apoio da Terceira Igreja Batista de Campo Grande/MS, da Igreja Batista das Alterosas/MG, da Associação Missionária para a Difusão do Evangelho (AMIDE), Associação Linguística Evangélica Missionária (ALEM) e Junta de Missões Mundiais (JMM), em 2014 para Guiné-Bissau com o objetivo de viver entre o povo Biafada. Com esse povo, aprendemos que em Guiné-Bissau nossos “trabalhos missionários” ficam em segundo plano diante das relações de amizade. Para nós, como ocidentais, focamos em agendas, resultados numéricos, levantamento de sustento e inúmeras reuniões entre missionários e executivos das agências missionárias. Já a agenda de vida do povo biafada incluía dar “mantenhas” diárias (saudações, bate papo ou conversas de aproximadamente 2 horas ou mais), receber pessoas em casa, ouvir as pessoas contarem sobre o dia a dia da comunidade, visitar os amigos, comer com eles, ir aos velórios sendo solidários à dor da perda de um parente ou amigo e participar dos desafios de vida da comunidade. Na época em que vivemos em Guiné-Bissau (2014-2019), a questão das diferenças das “agendas de trabalho” sempre nos incomodava, trazia angústia, pois de um lado nos sentíamos pressionados a cumprir as metas estabelecidas, uma marca das organizações ocidentais, mas de outro lado percebíamos que poderíamos conseguir uma melhor aproximação com a família guineense hospedeira cultivando amizade e

relacionamentos mais profundos. Os relatórios valorizam muito os planejamentos e as estatísticas, o que não deixa de ter sua importância, mas apagam os acontecimentos e vivências preciosos que acontecem nos encontros e relacionamentos diários.

Uma das memórias que marcou minha família em Guiné-Bissau foi o dia em que minha esposa, Walquíria, estava com sua amiga Sra. Intchaso na feira de rua comprando frutas e verduras. Uma senhora guineense, que conhecia a Sra. Intchaso, perguntou se ela era cozinheira da Walquíria. No momento que a Sra. Intchaso disse “não” e afirmou que a Walquíria era sua amiga e não “patroa”, a senhora se espantou, pois o comum em Guiné-Bissau é sempre “preto trabalhar para branco (estrangeiro). Nunca um branco irá trabalhar para preto.”<sup>1</sup>.

Após o tempo de vida em Guiné-Bissau, em 2022, viemos conhecer, viver e aprender com a diáspora africana de estudantes vindo de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Os estudantes, com suas histórias de vida e sonhos, são aprovados no vestibular da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) em seus respectivos países. Depois da aprovação no concurso de vestibular, os jovens vêm para as cidades de Redenção e Acarape na região do sertão do Estado do Ceará e para São Francisco do Conde no Estado da Bahia onde estão instalados os campus da Unilab. Com muito esforço, os jovens obtêm os recursos financeiros com a ajuda de seus pais, tios, familiares, amigos, para alguns até as igrejas ofertam para que eles façam os cursos de graduação. A experiência em Acarape ampliou o nosso olhar sobre as diferenças e semelhanças entre viver no continente africano, Guiné-Bissau, e no Brasil, com a diáspora africana.

Durante a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso entre escritas, leituras, conversas e reflexões sobre a vivência de quatro anos em Acarape, a palavra alteridade emergiu como uma reflexão para uma proposta de aproximação na construção de uma prática missionária entre os estudantes africanos na cidade de Acarape, interior do Ceará.

Os migrantes africanos carregam dois contextos que marcam suas identidades ao sair do país: o contexto da origem (nascimento, cultura, língua, comida, dança, etc) e a transitoriedade da diáspora, marcada por uma resignificação da identidade

---

<sup>1</sup> Em relação ao choque entre a visão ocidental e a cultura guineense, recomendo a obra literária do escritor guineense Abdulai Sila intitulado “A última tragédia”: SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

africana. Deve-se ressaltar que o transitório pode se tornar a moradia permanente de muitos migrantes africanos.

Essa pesquisa tem como objetivo contribuir para uma reflexão missiológica que respeite a alteridade na prática missionária entre comunidades de migrantes africanos no Brasil. Normalmente, quando pensamos no continente africano, ainda prevalece um imaginário de um lugar exótico distante para onde o Ocidente envia os seus “vacionados para a missão”. Poucos cristãos conseguem imaginar que dentro do Brasil há uma grande população de migrantes africanos que tem crescido cada vez mais. Nos últimos dezessete anos (2000-2017), chegaram ao Brasil 52.728 migrantes africanos (Baeninger; Demétrio; Meniconi, 2019, p.40); em 2009, a Polícia Federal registrou a passagem de 380 africanos na cidade de Passo Fundo/RS (Tedesco; Grzybovski, 2013); no período de 2015-2017 na cidade de Florianópolis, verificou-se acolhimento de migrantes africanos na Pastoral do Migrante Nair-Eirené dos seguintes países: Angola, República Democrática do Congo, Gana, Guiné-Bissau, Senegal, Serra Leoa, Togo, Egito, Benin, Líbia e Congo (Silva; Silveira; Muller, 2018). Portanto, verifica-se um aumento desta diáspora que migra tanto por questões de conflito armado, ou em busca por melhores condições de vida, como por razões de estudo e capacitação profissional. Os dados impactam, pois há muitos anos convivemos com o discurso eclesial que nos admoesta a ir por todo o mundo alcançar as pessoas com o amor de Deus, mas agora eles estão chegando aqui no nosso entorno e não sabemos ao certo como agir. Esse quadro se tornou um novo e grande desafio missionário para a igreja, e se tornou uma grande janela de oportunidade. Diante desse desafio missionário onde há a chegada de migrantes do continente africano para construírem suas vidas em solo brasileiro, esse trabalho, fundamentado a partir da diáspora de estudantes africanos em Acarape/CE, visa contribuir para que as igrejas locais tenham a consciência sobre a importância de ser comunidades de acolhimento em suas práticas missionárias voltadas para esses migrantes.

Apesar dos números expressivos da chegada de migrantes africanos no Brasil, mostrando uma oportunidade para o envolvimento da Igreja Local com as comunidades formadas pela diáspora africana, observa-se ainda trabalhos missionários caminhando de forma tênue e sem ressonância sobre a existência desse desafio para as igrejas locais.

Também se nota um desinteresse pelo foco com missões voltado para a diáspora africana no país. Isso nos faz lembrar a afirmação do antropólogo Dr. Roberto da Matta expressa em seu livro “Relativizando: uma introdução a antropologia social”: o exótico sempre nos atrai. A África ainda é considerada um continente exótico sempre lembrada com estigma pelo que lhe falta: educação, saúde, pobreza, doença, etc. É o continente em que “fazer missões” tem a sensação de ser um “Indiana Jones” cristão. Porém, quando o “exótico” vem viver em nosso meio, o “amor por missões” na África geralmente perde a sua intensidade. Portanto, o senso comum ainda prevalente nas igrejas locais parece que reflete a ideia de que africano “bom” é o africano na África. Quando ele vem morar no Brasil com todas as renúncias e sofrimentos de provavelmente nunca mais ver seus familiares (pais, mães, irmãos, tios, sobrinhos etc), de não viver mais os lutos familiares presencialmente, o encantamento da igreja pelo continente africano esmorece, restando muitas vezes um estranhamento com “este outro” que parece uma ameaça à vida previsível do membro da igreja.

Diante da realidade da diáspora africana no Brasil, essa pesquisa tem como propósito responder ao seguinte problema: Como a igreja local pode ter uma prática missionária centrada na alteridade de forma que possa diminuir o estranhamento com “este outro”/migrante africano no Brasil? Lembrando que este migrante africano, quando ele está em seu país de origem, parece que não há um estranhamento com ele, pois nos esforçamos e nos mobilizamos como igrejas locais para anunciar o Evangelho lá em seu continente.

A partir do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, “Migração, missão e alteridade: contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica a partir da experiência com estudantes africanos em Acarape/CE”, essa pesquisa se desdobrará na concretização do seguinte objetivo: compreender a realidade e os desafios de “ser” diáspora africana no Brasil e como uma prática missionária relacional-encarnacional pode proporcionar uma diminuição no estranhamento às comunidades constituídas por migrantes africanos em território brasileiro.

A metodologia empregada foi uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa qualitativa através de questionário com alguns estudantes. Na pesquisa bibliográfica, fizemos primeiramente o levantamento do material bibliográfico através dos sites de pesquisa Google Acadêmico, Scielo Brasil, de artigos e de livros, destacando os

tópicos de assuntos relacionados a essa pesquisa como: migração global, diáspora africana no Brasil, definição do termo alteridade, descrição da vida de Jesus com base na alteridade, aspectos da missiologia da diáspora, história da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), ressignificação de identidades africanas no processo de migração e desafios da vida migrante africana no Brasil.

A pesquisa de campo foi constituída de uma entrevista com cinco perguntas abertas a seis estudantes universitários da diáspora africana da Unilab. O objetivo dessa entrevista foi avaliar as dinâmicas neste processo de adaptação e o estranhamento entre a população brasileira local e o migrante africano. Além disso, a entrevista aberta visa observar a história de vida dos estudantes, pois através delas foi possível elencar alguns desafios encontrados pelos migrantes africanos estudantes universitários no Brasil. Esses desafios podem contribuir para o desenvolvimento de práticas missionárias de acolhimento com as comunidades africanas no Brasil.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos dados gerais sobre a migração global no mundo e a diáspora africana no Brasil tanto diacronicamente quanto nos dias atuais. Em seguida, no segundo capítulo, analisamos o conceito de alteridade na obra de Todorov (1993), buscando observar esse conceito na vida de Cristo que é o modelo da alteridade perfeita. No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia para a entrevista de seis estudantes migrantes africanos na cidade de Acarape/CE. E, por fim, no quarto capítulo analisamos as entrevistas com o propósito de perceber orientações para uma missiologia diaspórica que contribua para uma prática missionária a partir da realidade dos estudantes no processo de migração e na vivência deles na diáspora.

## CAPÍTULO 1

### 1. MIGRAÇÕES: ASPECTOS GLOBAIS E A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

O objetivo do presente capítulo é descrever: a) as estatísticas sobre as migrações da atualidade; b) os vários tipos de migração; c) um olhar diacrônico sobre os períodos das diásporas africanas no Brasil a partir do período colonial no século XVI até o século XXI; d) alguns índices sociais e econômicos sobre a diáspora africana no Brasil.

Um capítulo dedicado a apresentar dados estatísticos, históricos e definições terminológicas e terminologias sobre os tipos de migração no mundo visa primeiramente proporcionar um contexto de uma leitura intencionalmente missiológica, isto é, quando lemos a respeito de informações mais técnicas de outras áreas como a matemática, a sociologia, a antropologia, etc, uma leitura com intencionalidade missiológica<sup>2</sup> procura extrair a percepção de como Deus está se movendo no mundo através das migrações. Outro aspecto dessa leitura com intenção missiológica se volta para a parte da contextualização. É difícil trabalhar com migrantes se nós não somos sensibilizados pela realidade social que cerca a migração. No caso desta pesquisa que se centra na diáspora africana na cidade de Acarape, os trabalhos produzidos nas áreas da ciência sociais, antropologia, direito, geografia, história auxiliam na contextualização com comunidade dos migrantes africanos. Lembrando um provérbio do pastor evangélico Carlos Gó de Guiné-Bissau: *“Pa bu na odja kuma ki tabanka na badja, bu tene ki sinta”* (língua guineense) /“Para você saber como uma tabanka/aldeia dança, você precisa se sentar”, isto é, se desejamos viver a missão de Deus entre as comunidades migrantes no Brasil é preciso vivê-la e conhecê-la.

---

<sup>2</sup> Em futuras pesquisas, pretendemos desenvolver o tema sobre “leituras com intencionalidade missiológica”. Tenho observado que uma das crises que há no meio de estudantes universitários cristãos é a separação entre textos “sagrados” produzidos no domínio da esfera religiosa e textos “seculares” escritos em outros domínios de discurso sociais. Com isso, sempre há a tensão entre ler e considerar somente os textos “sagrados” e desprezar os textos “seculares”. Uma leitura com intenção missiológica propõe que cada texto, independentemente de seu domínio discursivo, pode contribuir para a sensibilização de uma área na sociedade que necessita da vivência da igreja na proclamação do Evangelho. Assim, uma leitura intencionalmente missiológica coloca no horizonte textos e não segmentando-os em grupos de “sagrados” ou de “seculares”.

### **1.1 Mobilidade humana: uma área de pesquisa**

Ao focalizarmos em nossa pesquisa a comunidade de estudantes universitários da diáspora africana, estamos colocando em evidência uma das comunidades humanas que se deslocam de seu país de origem. Isso significa que a mobilidade dessa comunidade precisa ser descrita e analisada. O artigo intitulado *Mobilidade Humana e Migração* dos pesquisadores Pacífico, Pinheiro, Granja, Varela (2020) destaca que estudar a mobilidade humana significa compreender a dinâmica da mobilidade que passa pelas trajetórias de vida dos deslocados, pela inserção no mercado de trabalho, pela integração social dos migrantes e das segundas gerações da família no novo país, pelo estudo econômico relacionado às remessas de dinheiro enviadas para os familiares no país de origem e pelo futuro de vida que pode ocorrer através de uma nova migração ou o retorno ao país de origem.

Atualmente um aspecto importante no estudo da mobilidade humana ao redor do mundo é a definição desse deslocamento. Para a autora Cierco (2017), o deslocamento humano se distingue de duas maneiras, a saber: a) 'mobilidade humana' e b) migrações internacionais.

A mobilidade humana se caracteriza pelo deslocamento que não implica em mudança de residência, em redefinição das relações pessoais e em reorganização das atividades vitais. Isso caracteriza o deslocamento transitório, isto é, a pessoa pode ir e voltar para o seu país de origem. Dentro dessa forma de deslocamento, encontram-se o turismo, as viagens de negócios, os intercâmbios estudantis etc.

As migrações internacionais são deslocamentos humanos que envolvem quatro fatores: espaço, tempo, sociabilidade e político. Em relação ao espaço, há uma movimentação através de uma fronteira administrativa bem definida. Já o tempo caracteriza a migração como um fenômeno contínuo dentro de um dado limite temporal. O aspecto da sociabilidade ressalta que a migração internacional envolve o aspecto da transição social que implica uma mudança de estatuto ou uma alteração no relacionamento com o meio envolvente, quer físico, quer social. E por fim, o fator político está relacionado ao sancionamento político dos Estados envolvidos no sistema migratório. O fator político implica na mudança de jurisdição e de pertença,

pois os Estados possuem o exercício do direito de soberania de controlar quem pode entrar, permanecer e pertencer ao novo Estado-nação do migrante.

No artigo intitulado *Migração por sobrevivência: soluções brasileiras* de Corrêa, Nepomuceno, Mattos e Miranda (2015), os autores classificam as migrações entre forçadas e espontâneas:

“Os fluxos de migração são frequentes no mundo desde os mais remotos tempos. No entanto, o volume de migrantes variou dependendo do período histórico, sendo a motivação para os deslocamentos diversa. Atualmente, as migrações são classificadas basicamente como forçadas ou espontâneas. Em geral, medidas de proteção são adotadas para aqueles que são oficialmente julgados pelos Estados como deslocados forçados, enquanto os que são considerados migrantes espontâneos devem procurar alternativas de regularização ou sofrem com medidas restritivas.” (Corrêa, Nepomuceno, Mattos, Miranda 2015, p.221).

Os termos ‘migração’ e ‘mobilidade humana’ se distinguem pelo fato de que a pessoa que vivencia o processo da migração se desloca fisicamente e juridicamente, isto é, ela sai do seu lugar de pertença, de sua origem, de seu lugar de nascimento, de seus relacionamentos familiares para outro lugar onde ela terá que se inserir dentro de um novo lugar de pertença tanto física quanto juridicamente para ser considerada como um cidadão desse novo lugar. Já o processo de ‘mobilidade humana’ é marcado pela ida e pela volta. A pessoa se desloca do seu lugar de pertença, de sua terra natal, mas ela não se desvincula física e juridicamente, pois na ‘mobilidade humana’, há sempre a certeza do retorno ao lugar de pertença.

## **1.2 Situação atual sobre a migração no mundo e no Brasil**

De acordo com o Relatório de Tendências Globais da ACNUR (2024)/*Global Trends Report 2024*, atualmente, há no mundo 281 milhões de pessoas em deslocamentos tanto internacional quanto interno, isto é, em seus próprios países. Isso significa que 3,6% da população mundial está em algum tipo de migração. Considerando a estatística de 281 milhões de pessoas, 117 milhões são refugiados e 169 milhões são migrantes trabalhadores ou econômicos. Também outra estatística interessante é a remessa financeira que as pessoas em deslocamento internacional enviam para o seu país de origem. De acordo com a ACNUR, 831 bilhões de dólares foram enviados aos países de origem das pessoas migrantes internacionais em 2024. Esse dado aponta para o dado de que o migrante contribuiu mais financeiramente

para o seu país estando fora dele. Há a estatística de que 10% do PIB do Senegal vem das remessas financeiras enviadas da diáspora senegalesa ao redor do mundo para seus familiares. Essas remessas são uma fonte de renda para auxiliar nas necessidades básicas como alimentos, saúde e moradia das famílias dos migrantes.

De Rivero (2005 *apud* Grubba, Cadore, 2021) aponta para a importância do envio das remessas dos migrantes às suas famílias, destacando que o valor dessas remessas é três vezes maior que a ajuda prestada pelos países industrializados aos países dos migrantes:

“Ninguém abandona seu país se nele pode viver dignamente, sugere De Rivero (2005). E também ninguém precisa ser um grande economista para tomar conhecimento da crise do desenvolvimento humano nos países do Sul, acrescenta o pensador ao relembrar as milhões de pessoas que vivem com dois dólares diariamente e os milhões que vivem com um dólar diário. De Rivero afirma que é questão de humanidade considerar os ‘imigrantes’ como ‘refugiados econômicos’, ainda mais se considerar que as remessas econômicas que eles efetuam aos países de origem, que chegam aos ‘150 mil milhões de dólares por ano, três vezes mais que a ajuda ao desenvolvimento prestada pelos países industrializados’, contribuem a aliviar a pobreza e a miséria nos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos.” (De Rivero, 2005 *apud* Grubba, Cadore, 2021, p.316).

No quadro 1, há a descrição dos números de homens, mulheres e crianças que se deslocam por causas econômicas e os tipos de migração relacionados aos refugiados:

**Quadro 1:** dados estatísticos da migração global

<b>Número de pessoas em deslocamento no mundo (ACNUR 2024)</b>
<b>Total de pessoas em deslocamento:</b> 281 milhões de pessoas = 3,6% da população mundial
<b>Números por gênero</b>
<b>Mulheres:</b> 135 milhões
<b>Homens:</b> 146 milhões
<b>Crianças:</b> 28 milhões
<b>Migrantes desaparecidos:</b> 8,5 milhões
<b>Tipos de Migração</b>
<b>Migrantes econômicos/migrant Workers</b>
<b>Total:</b> 169 milhões
<b>Refugiados</b>
<b>Total:</b> 117 milhões
<b>Tipos de Deslocados (refugiados, requerente de asilo, deslocamento interno, etc.)</b>
<b>Refugiados:</b> 35,3 milhões
<b>Asilo:</b> 5,4 milhões
<b>Proteção Internacional:</b> 5,2 milhões
<b>Deslocamento Interno:</b> 71,2 milhões de pessoas
<b>Remessa financeira das pessoas em diáspora para seus países de origem:</b> 831 bilhões de dólares (2024)

Fonte: ACNUR (2024)

No Brasil, os dados do “Boletim da Migração no Brasil” do Departamento de Migração do Ministério da Justiça e Segurança Pública destacam que atualmente há 1,8 milhões de migrantes no Brasil. No último ano, 2024, o Brasil recebeu 13.632 de refugiados. Na tabela abaixo, há os números de migrantes e refugiados no Brasil:

**Quadro 2:** países migrantes para o Brasil em 2024

<b>Migrantes no Brasil/Ministério da Justiça e da Segurança Pública</b>
<b>Total:</b> 1.862.042 pessoas
<b>Total de refugiados em 2024:</b> 13.632
Venezuela: 12.726
Afganistão: 283
Colômbia: 121
Síria: 111
Burkina Faso: 46
Marrocos: 30
Líbano: 29
Mali: 23
Rússia: 19
República Democrática do Congo: 14
Outros: 230

Fonte: Ministério da Justiça e da Segurança Pública

Uma estatística alarmante é em relação aos números de migrantes mortos em rotas migratórias. Segundo Péchy (2025), o número de mortos chegou a 9 mil em

2024. Desde 2014, 50.000 migrantes morreram se deslocando nas rotas migratórias ao redor do mundo, conforme mostram os dados abaixo:

**Quadro 3:** Dados estatísticos de migrantes mortos

<b>Número de migrantes mortos em rotas migratórias (2014-2024)</b>
<b>Total:</b> 50.000
<b>Nacionalidade desconhecida/não identificada:</b> 30.000 (60%)
<b>Migrantes desaparecidos cuja nacionalidade pode ser identificada:</b>
Africanos: 9.000
Ásia: 6.500
Américas: 3.000

Fonte: Péchy (2025)

Observando os dados do movimento de migração ao redor do mundo, pode-se afirmar que vivemos numa época singular em relação ao deslocamento de pessoas no mundo. Por causa da intensidade de várias diásporas se deslocando e do aumento do número pessoas migrantes, o momento atual é classificado por Grubba, Cadore (2021) como a maior migração presenciada no mundo desde a II Guerra Mundial:

“De fato, hoje em dia, o mundo experimenta a maior crise migratória desde o final da Segunda Guerra Mundial. Entre os anos de 2012 e 2013, aproximadamente 45 milhões de pessoas deslocaram-se de sua região à força e, dentre elas, 15 milhões tornaram-se refugiadas. O aumento do número de guerras civis e de catástrofes naturais no mundo fez com que, somente no ano de 2014, 60 milhões de pessoas migrassem forçadamente para outra região. Esse número representa, desde a Segunda Guerra, o maior número de pessoas deslocadas na História. Das 60 milhões de pessoas deslocadas, mais de 38 milhões foram consideradas refugiadas (Nações Unidas, 2015, p. 6 e 16).” (Grubba, Cadore, 2021, p. 310).

### 1.3 Tipologia da migração

Nesta seção, abordaremos os tipos de migrantes nos deslocamentos migratórios. É importante destacar que a classificação dos migrantes vai além do que simplesmente um substantivo. Essa classificação é importante para o benefício das pessoas que estão envolvidas no processo migratório, pois de acordo com a classificação, as pessoas podem ser auxiliadas tanto internamente em seus países quanto externamente pelos países receptores dos migrantes. Podemos identificar 11 tipos de migrantes, a saber:

- *Refugiado*: o termo “refugiado” vem sendo definido desde o fim da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de proteger as pessoas que escapavam da perseguição direcionada a elas pelos governos dos seus próprios países. A partir desse momento na história, tratados internacionais como a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, o Estatuto dos Refugiados elaborado pela ONU em 1951 (Genebra), em 1967 (o protocolo de Nova Iorque que expandiu o tratado de 1951), em 1969 (Convenção da Organização da Unidade Africana que foi criada com o objetivo de proteger os migrantes forçados que cresciam em grande número por causa dos conflitos da era pós-colonial nos países africanos) e em 1984 (a Declaração de Cartagena das Índias/Colômbia proporcionou a inclusão do termo refugiado para pessoas perseguidas pelos regimes militares na América Latina).

Com base nesses documentos internacionais, Cierco (2017) define o refugiado como a pessoa que deixa o seu país de origem para fugir à insegurança, à perseguição e à morte. Sendo que nessa fuga, a pessoa não dispõe de recursos financeiros, não domina a língua, a cultura, o direito e o modo de vida do país que o acolhe. Portanto, ser refugiado é ser exilado, tem que reaprender a viver no Estado que o acolhe atualmente<sup>3</sup>.

- *Migrante econômico*: De acordo com Simões (2021), a migração econômica pode ocorrer de forma voluntária ou forçada. O processo desse tipo de migração irá depender das causas pelas quais a pessoa inicia seu processo migratório. Se a pessoa migra por conta de fatores pessoais, há uma migração econômica voluntária. Porém, se a pessoa realiza o processo de deslocamento diante da falta de políticas públicas como, por exemplo, acesso ao trabalho, à educação, ao saneamento básico, dentre outros direitos, estamos diante de um caso de migração econômica forçada.

---

<sup>3</sup> “(...) Tornar-se refugiado representa uma grande sensação de perda, sentimento que tem dimensões sociais, psicológicas e jurídicas igualmente importantes. Quando alguém é forçado ao asilo, é separado do seu ambiente familiar, de amigos e de redes sociais estabelecidas (Acnur, 1997, p.3). A saída do seu próprio país e a necessidade de procurar refúgio noutra lugar, implica que não tem outra alternativa. Para alguns tornar-se refugiado representa o último ato de um longo período de incerteza, que surge só depois de terem falhado todas as outras estratégias de sobrevivência. Noutros casos, trata-se de uma reação instintiva a circunstâncias imediatas que colocam a sua vida em risco.” (Cierco, 2017, p.13).

- *Migrante por sobrevivência/migração por sobrevivência*: o termo “migração por sobrevivência” foi proposto por Alexander Betts em sua obra intitulada *Survival Migration: failed Governance and the crisis of displacement* publicada em 2013. O autor caracteriza o migrante por sobrevivência como “pessoas que estão fora de seu país de origem em virtude de uma ameaça real à sua existência, não tendo acesso a uma solução ou reparação dentro do próprio país.”<sup>4</sup>Há três pontos essenciais contido nessa definição de Betts (2013) sobre migração por sobrevivência: (I) estar fora de seu país de origem; (II) ameaça à sua existência; (III) falta de acesso a uma solução ou reparação doméstica. Betts (2010) cita os países africanos do Zimbábwe e da Somália que devido à fome, à seca, às sanções e às instabilidades políticas provocaram um contexto de insegurança alimentar ocasionando a fuga de diversas pessoas desses países.
- *Apátrida*: de acordo com a “Convenção Relativo ao Estatuto de Refugiados” do ACNUR (1951), o termo apátrida refere-se “a toda a pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional”. Isto significa que um apátrida não terá a sua nacionalidade reconhecida por um Estado, conseqüentemente uma pessoa nessa categoria não terá a) registro civil, b) documentos de identificação do Estado e c) ficará sem acesso aos serviços públicos como saúde, educação, aposentadoria etc. do Estado. Atualmente segundo os dados do relatório *Global Trends Report* produzido pelo ACNUR 2024, há 4,4 milhões de pessoas apátridas ao redor do mundo, sendo que 1,3 milhões estão em campos de refugiados como ocorre com o povo *Rohingya* em Miamar.

No Brasil, houve um caso de destaque em que a justiça brasileira concedeu o reconhecimento à apátrida Maha Mamo. Segundo Oliveira (2020), Maha nasceu em Beirute, capital do Líbano. Ela é filha de sírios e foi considerada uma apátrida por trinta anos, devido a mãe ser muçulmana e o pai cristão. A Síria não permite casamento inter-religioso. No Líbano, Maha também não conseguiu sua cidadania, pois a regra no país para a aquisição de nacionalidade é o sangue (*jus sanguini*) e não o território

---

<sup>4</sup> “Survival migrants can be defined as ‘persons who are outside their country of origin because of an existential threat for which they have no access to a domestic remedy or resolution’ (BETTS, 2010, p.23).

(*jus solis*). Portanto, como Maha não era de família libanesa, ela não conseguiu a nacionalidade do país. Somente em 2018, Maha conseguiu obter o reconhecimento da nacionalidade brasileira concedido pela justiça do Brasil<sup>5</sup>.

- *Migrante deslocado interno*: Pacífico, Pinheiro, Granja, Varela (2020) definem o migrante deslocado interno como uma pessoa ou grupo de pessoas que são forçadas ou obrigadas a fugir ou abandonar as suas casas ou seus locais de residência habituais sem atravessar uma fronteira internacionalmente reconhecida de um Estado. Essa fuga pode ser provocada por conflitos armados, situações de violência generalizada, violações dos direitos humanos ou calamidades humanas ou naturais.

Atualmente o Brasil é o país com maior número de deslocamentos internos no mundo. De acordo com os pesquisadores Rosana Baeninger do Núcleo de Estudos e População “Elza Bérquo” (NEPO) da Unicamp e Jurandir Zullo Júnior do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (CEPAGRI), entre os anos de 2008 à 2023, 4 milhões de pessoas se deslocaram por causa de desastres climáticos, sendo 2 milhões por causa de enchentes, 1,5 milhões por tempestades e 42 mil pelas secas<sup>6</sup>.

- *Migrante ambiental*<sup>7</sup>/*refugiado ambiental*<sup>8</sup>: Grubba; Cadore (2021, p.319) apontam que o termo “refugiado ambiental” foi utilizado, pela primeira vez, em uma publicação de 1985 do professor egípcio Essam El-Hinnawi. Na definição

---

<sup>5</sup> Há um excelente artigo que descreve a recente batalha jurídica do boliviano Inocente Arevelo Orellana que foi o primeiro apátrida a obter a nacionalidade brasileira no Estado do Mato Grosso do Sul: AIZAWA, Juliana Tomiko Ribeiro; JUNIOR, Hermes Moreira. *Fronteiras marginais e o primeiro apátrida do Mato Grosso do Sul. Revista tempo do mundo*, n.35, p.55-72, ago. 2024.

<sup>6</sup> Dados obtidos na entrevista veiculada no jornal da Unicamp. Disponível em: <<https://jornal.unicamp.br/audio/2024/05/17/brasil-e-lider-em-deslocamentos-internos-por-desastres-climaticos/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

<sup>7</sup> O termo “migrante ambiental” também tem sido designado com outros nomes como “refugiados climáticos”, “refugiados ecológicos” e “deslocados ambientais”.

<sup>8</sup> O Observatório de Migrações Forçadas do Instituto Igarapé (2020) estima que desde 2000 no Brasil há cerca de 6, 4 milhões de brasileiros tiveram que deixar suas casas por causa de desastres naturais e 1,3 milhões foram forçados a deixar seu habitat por causa de projetos de “desenvolvimento”. Esses números representam 4,4% da população do país. O número de deslocados internos no Brasil é muito maior que o total de refugiados e solicitantes de refúgio no país desde 2000.

do professor Essam El-Hinnawi, migrante ambiental/refugiado ambiental se refere às pessoas que são forçadas a abandonar seu tradicional habitat, de forma temporal ou permanente, devido a um transtorno ambiental, natural ou provocado pelo humano, desde que tal transtorno coloque em perigo a existência das pessoas ou afete a qualidade de vida. Um exemplo desse tipo de migração é a ilha de Tuvalu localizada no sul da Oceania. Por causa do aumento do mar em 15 centímetros durante os últimos 30 anos, as ilhas como Tuvalu, Maldivas, Ilhas Marshall, Nauru e Kiribati podem desaparecer. No caso de Tuvalu, os 11.000 habitantes estão sendo inscritos no programa “Visto ambiental” da Austrália. O projeto é transferir todos os habitantes da ilha para a Austrália e criar o programa Nação Digital com o objetivo de preservar o patrimônio cultural do país de forma virtual.

- *Migrante por deterioração*: Grubba, Cadore (2021, p.322) classificam esse tipo de migrante para situações em que a pessoa precisa migrar por causa das transformações naturais graduais ou antropogênicas<sup>9</sup> que podem inviabilizar a sobrevivência em virtude de contaminação do solo, da água, do ar, poluição ou exaurimento de recursos ambientais. Exemplos de migrante por deterioração pode ser observado no rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão na cidade de Brumadinho/MG em 2020. O desastre ambiental antropogênico, provocado pelo ser humano, matou 272 pessoas, contaminou com cobre o rio Paraopeba que banha 26 municípios da região, a contaminação do rio afetou a aldeia pataxó Hã-hã-hãe e provocou o deslocamento interno de 24 mil pessoas. Outro rompimento de barragem ocorreu em Mariana/MG onde 1.361 pessoas perderam suas casas e esse desastre ambiental atingiu o rio Doce inviabilizando à pesca para 126 famílias da nação indígena Krenak.
- *Migrante por expropriação*: Grubba, Cadore (2021, p.322) definem que a migração por expropriação acontece quando há perturbações antropogênic-ambientais que obrigam o deslocamento de uma população. Por exemplo, a desocupação para empreendimentos de infraestrutura em construções de

---

<sup>9</sup> O termo “antropogênico” deriva das palavras da língua grega *anthropos* (homem) e *genesis* (origem). Portanto, antropogênico faz referência aos processos e efeitos resultantes das ações e impactos da atividade humana no meio ambiente.

usinas hidrelétricas ou rodovias ou a destruição de recursos naturais como estratégia de bombardeios em guerras. Exemplo de migração por expropriação no Brasil pode ser verificado na construção da usina hidrelétrica de Itá, uma das maiores no Brasil no Estado de Santa Catarina. Essa obra provocou o deslocamento de 10 mil pessoas.

- *Asilado político*: o asilado político é uma pessoa requisitante do asilo político. Segundo Cierco (2017, p.18), “o asilo político é uma instituição jurídica que visa proteger qualquer cidadão estrangeiro que seja vítima de perseguição no seu país de origem por questões políticas, convicções religiosas ou situações raciais”. O asilo político é um instrumento de proteção internacional individual que pode ocorrer de duas formas: territorial ou diplomático. Em relação ao asilo territorial, a pessoa que faz a requisição desse tipo de asilo político atravessa a fronteira física do país em que pretende viver no exílio. Já o asilo diplomático, o requerente do asilo pode solicitar à entrada na embaixada de outro país que esteja localizada no território do próprio país do requerente ou nos navios de guerra, aeronaves e acampamentos militares de outros países que estejam no território do país do asilado político. É importante destacar que o asilo diplomático é temporário.
- *Migrante irregular*: Cierco (2017) define o migrante irregular como os migrantes que entraram de forma legal num território e cuja permanência no território se tornou irregular quando deixaram passar a validade dos documentos.
- *Migrante ilegal*: Cierco (2017) afirma que a migração ilegal ocorre quando se cruza uma fronteira de um país sem respeitar a regulamentação legal estabelecida, isto é, o migrante entra em um país sem qualquer tipo de documento legal ou visto. Concretamente, a migração ilegal pode ser realizada pelas entradas não autorizadas que são caracterizadas pelos cidadãos de um determinado país que entram de forma clandestina num outro país através de fronteiras terrestres ou marítimas e a migração ilegal pode acontecer pela utilização de documentos falsos na fronteira do país pretendido pelo migrante.

No quadro a seguir, há o resumo dos 11 tipos de migração internacional e local vivenciados atualmente por 281 milhões de pessoas ao redor do mundo:

**Quadro 4:** Tipologia das migrações internacionais e locais

<b>Tipologia das migrações internacionais e locais</b>	
<b>Tipo de Migrante</b>	<b>Descrição</b>
Refugiado	a pessoa que deixa o seu país de origem devido à insegurança, à perseguição e à morte.
Migrante Econômico	a pessoa que se desloca de seu país de origem diante da falta de políticas públicas como acesso ao trabalho, à educação, ao saneamento básico, à saúde, etc.
Migrante por sobrevivência	peçoas que estão fora de seu país de origem em virtude de uma ameaça real à sua existência, não tendo acesso a uma solução ou reparação dentro do próprio país.
Apátrida	peçoas que não têm sua nacionalidade reconhecida pelo Estado.
Migrante deslocado interno	peçoas ou grupo de peçoas que são forçadas ou obrigadas a fugir ou abandonar as suas casas ou seus locais de residência habituais sem atravessar uma fronteira internacionalmente reconhecida de um Estado.
Migrante ambiental	peçoas que são forçadas a abandonar seu tradicional habitat, de forma temporal ou permanente, devido a um transtorno ambiental, natural ou provocado pelo humano.
Migrante por deterioração	peçoas que precisam migrar por causa das transformações naturais graduais ou antropogênicas que podem inviabilizar a sobrevivência em virtude de contaminação do solo, da água, do ar, poluição ou exaurimento de recursos ambientais.
Migrante por expropriação	peçoas que se deslocam em contextos de perturbações antropogênicas-ambientais. Exemplos: a desocupação para empreendimentos de infraestrutura em construções de usinas hidrelétricas ou rodovias ou a destruição de recursos naturais como estratégia de bombardeios em guerras.
Asilo político	o asilo político é uma instituição jurídica que visa proteger qualquer cidadão estrangeiro que seja vítima de perseguição no seu país de origem por questões políticas, convicções religiosas ou situações raciais.
Migrante irregular	peçoas que entraram de forma legal num território e cuja permanência no território se tornou irregular quando deixaram passar a validade dos documentos.
Migrante ilegal	a migração ilegal ocorre quando se cruza uma fronteira de um país sem respeitar a regulamentação legal estabelecida.

#### **1.4 Migração africana no Brasil: aspectos diacrônicos e atuais**

Uma das principais causas da migração africana para o Brasil está relacionada com a situação socioeconômica presente no continente africano. Consoante Bosi; Pereira (2023), há aproximadamente 400 milhões de africanos pobres sob condições em que o desemprego é estrutural. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no continente apresenta números baixíssimo com mais da metade da população vivendo abaixo da linha da pobreza e com uma expectativa de vida em torno de 62 anos.

Quando trabalhamos no sul de Guiné-Bissau entre os anos de 2014 a 2019, a faixa etária de 60 anos já era de alguém considerado *garandi* (língua guineense)/muito velho. Atualmente, no Brasil, com base nos dados da Polícia Federal, há aproximadamente 52.728 africanos migrantes.

De acordo com Bomtempo; Pinto (2021), a migração africana para o Brasil pode ser dividida em quatro momentos no eixo da história do Brasil, a saber:

- *Tráfico de escravos*: as relações internacionais entre o Brasil e o continente africano tiveram início no século XVI com a vinda para o Brasil de vários africanos escravizados oriundos de diversos países da África. Consoante Alencastro (2000; p.69), deve-se destacar que no período histórico do tráfico de escravos (1451-1870), uma população de 10 milhões de africanos, separados de seus laços familiares, foram transferidos para as colônias do novo mundo como, por exemplo, ilhas Atlânticas, São Tomé, América Espanhola, Brasil, Antilhas Britânicas, Antilhas Francesas, Antilhas Holandesas, América Britânica. O Brasil recebeu aproximadamente 4 milhões de escravos, isto é, 40% do total de africanos escravizados desembarcou nos portos brasileiros da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro:

“A escravidão assumiu outro significado quando passou a ser integrada nas relações comerciais de longo curso. Nesse caso, mais do que reduzidos ao cativo, **os indivíduos passavam por um duplo processo de desenraizamento**. Primeiro, quando **eram arrancados do local e da comunidade do qual faziam parte**. Ao serem deslocados para terras longínquas, submetidos a outras regras sociais e a outras formas culturais, os cativos sofriam a violação dos seus corpos, de que perderam o controle, e a violação de seus códigos culturais originais. Depois, quando eram reinseridos num grupo estranho, em posição de subordinação, **eram excluídos e desprovidos de espaço de convivência com a comunidade circundante**.” (Macedo, 2013, p.103, grifo nosso).

- *Cooperação internacional com o continente africano no governo Jânio Quadros (1961)*: no ano de 1961 do governo Jânio Quadros foram instaladas as primeiras embaixadas brasileiras no solo africano. Mais especificamente, nos países do Senegal, de Gana e de Camarões. Através dessa inovação na diplomacia brasileira, foi possível acordos de cooperação cultural e técnica entre o Brasil e alguns países da África Subsaariana. Como resultado dessa mudança na política externa brasileira em relação aos países africanos, houve

a vinda de 16 estudantes africanos do Senegal, de Gana, de Camarões e de Cabo Verde;

- *Acolhimento aos refugiados africanos nas décadas de 1980 e 1990*: nas décadas de 1980 e de 1990, além da chegada de mais estudantes africanos, a mobilidade entre África e Brasil foi caracterizada pela presença de refugiados africanos que solicitaram ao governo brasileiro refúgio devido às perseguições políticas sofridas nas guerras de libertação ou nas guerras civis pós-independência. Os refugiados vieram de países como Angola, Moçambique, Congo, Libéria, Serra Leoa etc.;
- *Período atual de migração africana para o Brasil*: os pesquisadores de migrações no Brasil, Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019) ressaltam que o período entre 2000-2017 foi um crescente na vinda de africanos ao Brasil com uma média de 52.728 migrantes.

#### **1.4.1 Dados demográficos sobre a migração africana no Brasil**

Antes de apresentar os dados estatísticos sobre a migração africana no Brasil, é importante ressaltar que os dados mais recentes são de 2018. Isso se deve ao fato da dificuldade em coletar os dados desse tipo de migração. No Brasil, o Núcleo de Estudos e População “Elza Bérquo” (NEPO) da Universidade de Campinas (Unicamp) tem sido referência na pesquisa com populações migrantes.

O artigo intitulado “Espaços das migrações transnacionais: perfil sociodemográfico de imigrantes da África para o Brasil do século XXI” dos pesquisadores Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019) mostram dados estatísticos onde podemos conhecer melhor a realidade da migração africana no Brasil. A seguir, destaca-se os pontos apresentados no artigo sobre a migração africana no território brasileiro:

- *A migração africana no Brasil é constituída por mais de 50 Estados-Nacionais diferentes do continente africano:*

**Quadro 5:** Países africanos migrantes para o Brasil

<b>Origem da migração africana no Brasil (2000-2017)</b>	
Angola: 27,97% - 13.500	Marrocos: 2,69%
Guiné-Bissau: 8,46%	República do Congo: 1,44%
Cabo Verde: 8,01%	Camarões: 1,28%
Nigéria: 7,89%	São Tomé e Príncipe: 1,08%
Moçambique: 7,87%	Ergélia: 1,06%
Senegal: 7,7%	Benin: 1,00%
República da África do Sul: 5,13%	Tunísia: 0,99%
República Democrática do Congo: 3,41%	Quênia: 0,75%
Gana: 3,03%	Costa do Marfim: 0,69%
República Árabe do Egito: 2,78%	Líbia: 0,61%
	Outros países africanos: 6,15%

Fonte: Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019)

- *Inserção no mercado de trabalho*
  - Ocupação*

**Quadro 6:** Profissão dos migrantes africanos no Brasil

<b>Ocupação/Trabalho (2000-2017)</b>
Estudante: 19.879
Outra ocupação não classificada: 3.444
Vendedor ou empregado de casa comercial: 1.874
Oficial: 1.862
Diretor, gerente ou proprietário: 1.703
Sacerdote: 1.332
Professor: 1.268
Sem ocupação: 1.214
Prendas domésticas: 1.072
Arquiteto: 910
Profissional liberal: 827
Médico: 665
Pedreiro: 590
Economista: 492
Mecânico: 484
Barbeiro: 449
Menor (criança não estudante): 432
Dependente de Titular: 413
Cozinheiro: 370
Bolsista: 366
Outras ocupações: 5.066

Fonte: Sistema Nacional de Cadastros e Registro (SINCRE)

Em relação aos dados da tabela 6, Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019, p.44) destacam que o volume considerável de ocupação não classificada e sem ocupação pode ser indicador da crescente precarização das relações de trabalho. Por outro lado, os registros de diretores, gerentes ou proprietários, professores e médicos

evidenciam também uma migração qualificada como modalidade migratória de destaque.

*b) Empregabilidade*

De acordo com Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019, p.51), os migrantes africanos apresentaram uma crescente inserção laboral formal no Brasil, pois contabilizavam 1.170 registros em 2011, 5.098 em 2014 e alcançaram o patamar de 7.887 vínculos ativos ao final do ano de 2017. Ressaltam-se os registros de trabalho de migrantes angolanos, congolezes, ganeses e senegaleses têm aumentado crescentemente sua inserção laboral no mercado brasileiro, especialmente entre 2014 e 2017.

*c) Renda salarial*

De acordo com Baeninger, Demétrio, Domeniconi (2019, p.56), de maneira geral, em 2011, ainda que predominassem os vínculos de trabalho de 1 a 3 salários-mínimos era possível observar uma participação de quase 40% de trabalhadores africanos para outros níveis salariais mais elevados, especialmente, nas regiões nordeste e sudeste. Porém, em 2017, os vínculos ativos de trabalho para migrantes africanos no grupo de 1 a 3 salários-mínimos passaram a representar mais de 80% dos registros nas regiões centro-oeste, sul e sudeste. Uma participação absoluta muito superior tendo, em vista o crescimento na inserção laboral desses imigrantes no mercado formal entre 2011 e 2017.

## CAPÍTULO 2

### MIGRAÇÃO E ALTERIDADE: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA RELACIONAL-ENCARNACIONAL DIASPÓRICA

O objetivo do capítulo 2 é compreender como podemos viver uma prática missionária relacional-encarnacional. Para isso, apresentamos no capítulo a definição de alteridade, o estilo de vida de Jesus aberto ao próximo e algumas informações sobre os desafios da vida do migrante africano no Brasil.

Na seção 2.1, analisamos o conceito de alteridade com base na obra “A conquista da América: a questão do outro” de Tzvetan Todorov (1993). Seleccionamos essa obra para definir o conceito “alteridade”, pois ela trata do processo de distanciamento e aproximação do outro/etnias indígenas na história da conquista da América pelos espanhóis. Os processos envolvidos na construção da alteridade/aproximação ao outro e distanciamento do outro podem ser identificados na vida do migrante africano.

Na segunda parte do trabalho, na seção 2.2, identificamos os processos de alteridade na vida de Cristo, considerando a oração, a compaixão de Jesus pelas pessoas da classe baixa da Palestina (os pobres, os cegos, os coxos, os leprosos, os famintos, os pecadores, as prostitutas, os coletores de impostos) e o termo “próximo” à luz do imperativo do sermão do monte: amar o inimigo.

Por fim, na seção 2.3, destacamos de forma geral alguns desafios da vida do migrante africano no Brasil como a lógica desigual da migração, a resignificação de identidades no processo migratório e aspectos da saúde mental e emocional envolvidos no processo da migração.

#### 2.1 – Definição de alteridade

No início do livro clássico de Todorov (1993) intitulado *A conquista da América: a questão do outro*, podemos encontrar uma afirmação sobre o que significa alteridade:

“Quero falar da **descoberta que o eu faz do outro**. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Pode-se **descobrir os outros em si mesmo**, e perceber que **não se é uma substância homogênea**, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas **cada um dos outros é um eu** também, **sujeito como eu**.” (Todorov, 1993, p.3, grifo nosso)

Podemos definir a alteridade como a descoberta que fazemos do outro como sujeito singular, único e diferente. Esse outro diferente do “Eu” também nos constitui. Por exemplo, o que significa “ser brasileiro”? “Ser brasileiro” é olhar o outro/indígena, africano, árabe, português, holandês e percebê-lo como sujeito. Porém, ao olhar esse sujeito diferente do “Eu” descubro que esse outro também nos constitui como sujeito. Isso significa que “ser brasileiro” é descobrir que carregamos no nosso “Eu” aspectos das culturas indígenas, africana, árabe, portuguesas, holandesas etc.

Outro exemplo sobre alteridade está na expressão “guineidade”. Ela é uma expressão de Guiné-Bissau e mostra que todas as 22 etnias guineenses estão fortemente conectadas, isto é, uma das traços culturais para a outra. Um traço característico da “guineidade” é a língua guineense/crioulo guineense<sup>10</sup> que reflete cada etnia na estrutura gramatical e discursiva da língua, proporcionando unidade ao povo guineense, pois falar na língua crioulo é se conectar com o outro/as etnias guineenses. Línguas de etnias diferentes se comunicam através da língua guineense. É interessante observar que os cânticos na Igreja Bíblica Batista na cidade de Acarape/CE são feitos na língua guineense. A membresia da igreja se compõe de várias etnias guineenses: balanta, fula, pepel, mandjaco, mancanha. Portanto, o momento de louvor na língua guineense é um modo de expressar a unidade do povo guineense.

Notem a importância das expressões “categorias e direções múltiplas”, “descoberta”, “sujeito” como elas são fundamentais na aproximação do outro. Quando “descobrimos” o outro, conseguimos vê-lo como aquele que também nos constitui em sua diferença, então consideramos o outro como sujeito. Assim, o caminho para se aproximar do outro está aberto. Isso é a base da alteridade<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> A língua guineense/crioulo guineense é a língua usada em Guiné-Bissau como a língua do dia a dia. Embora oficialmente a língua seja o português, na boca do povo, o que se fala é a língua guineense. Ela é formada com algumas palavras da língua portuguesa baseada numa gramática das línguas étnicas guineenses.

<sup>11</sup> É interessante observar que, no Novo Testamento, as cartas do apóstolo Paulo contêm várias referências a alteridade. Uma dessas referências está registrado em Efésios 5:2: “...andai em amor

Ainda na introdução da obra de Todorov (1993), o autor afirma sobre o que nos distância do outro: “Somente meu ponto de vista, segundo o qual **todos estão lá e eu estou só aqui**, pode realmente separá-los e distingui-los de mim” (Todorov, 1993, p.3, grifo nosso). Então, quando não conseguimos descobrir que o outro também nos influencia como sujeitos, há o caminho do distanciamento que produz a separação. Percebemos que o outro é diferente de nós. Essa diferença não afeta o nosso ser, portanto a cultura dele não nos constitui. O distanciamento acaba gerando o ambiente social para a conquista e não para a descoberta do outro. Isto que a obra de Todorov (1993) vai abordar em como a América foi conquistada pelos colonizadores:

“Como Colombo pode estar associado a estes dois mitos aparentemente contraditórios, **um onde o outro é um "bom selvagem** (quando é visto de longe), e **o outro onde é um 'cão imundo, escravo em potencial?** É porque ambos têm uma base comum, que é o desconhecimento dos índios, a recusa em admitir que sejam sujeitos com os mesmos direitos que ele, mas diferentes. **Colombo descobriu a América, mas não os americanos**, Toda a história da descoberta da América, primeiro episódio da conquista, é marcada por esta ambigüidade: a alteridade humana é simultaneamente revelada e recusada.” (Todorov, 1993, p.68-69, grifo nosso)

Na história, não houve a descoberta da América, pois o outro/as nações indígenas foram conquistadas pela separação e a diferenciação entre a cultura europeia e a cultura das nações indígenas. Por um lado, a cultura europeia simbolizava o verdadeiro saber, a cultura superior, modo correto de se viver, a língua da comunicação e dos estudos gramaticais<sup>12</sup>, a religião. Por outro lado, as nações indígenas eram vistas como grupos étnicos inferiores. Os índios não usavam roupas, sinal de falta de cultura, as línguas indígenas não eram consideradas línguas e todo modo de vida das nações indígenas foi considerado inferior.

Por fim, é importante destacar a “tipologia das relações com outrem” no último capítulo da obra de Todorov (1993) em que há a proposta de três tipos de

---

como Cristo, que também nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício com aroma suave”. Portanto, andamos em amor quando descobrimos esse outro/Cristo viveu imerso em um amor completamente diferente do nosso, tendo como consequência sua morte na cruz por nossa causa. Quando reconhecemos a diferença desse amor em Cristo, nosso ser passa a ser constituído por esse outro/Cristo.

<sup>12</sup> Consoante Rodrigues (2005), antes da chegada dos colonizadores, havia 1.200 línguas de nações indígenas falada no Brasil. Atualmente há 181 línguas faladas com o risco de morte, de deixarem de serem faladas.

relacionamentos entre as culturas que irão produzir a conquista ou a descoberta do outro:

- *Julgamento de valor*: o outro é bom ou mau; gosto dele ou não gosto dele; ele é igual ou é inferior a mim (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima);
- *Ações de aproximação ou distanciamento*: adoção de valores do outro, isto é, identifico-me a ele; há a assimilação ao outro em que imponho minha própria imagem de uma das seguintes formas: submetendo-se ao outro (relação colonizado-colonizador) ou submetendo o outro a mim (relação colonizador-colonizado);
- *Conhecimento do outro ou indiferença*: conheço ou ignoro a identidade do outro?

Na próxima seção, iremos analisar as marcas da alteridade em Cristo em diálogo com as propostas de Todorov (1993).

## **2.2 – Jesus Cristo modelo de alteridade na construção de uma prática missionária encarnacional**

Ao observarmos os relatos da vida de Jesus nos Evangelhos, podemos destacar que Cristo viveu de forma plena a alteridade. Em todos os ambientes aonde ele chegava, havia empatia, aproximação por cada ser humano criado a imagem e semelhança de Deus.

Uma das maiores declarações sobre Cristo em relação à alteridade está registrado no Evangelho de João 1:14: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade...”. Somente a abertura para o outro é capaz, conforme afirma Boor (2002), de se inserir integralmente na existência e na história humana, assumindo toda a debilidade, transitoriedade e mortalidade do ser humano.

Além de se encarnar, Cristo “habitou entre nós”. Não foi uma habitação qualquer, sem nenhum relacionamento com o *alter/outro*. Ao habitar entre nós, seres humanos, assumir forma humana, Deus se revelou a nós em Cristo. A revelação de Deus é baseada na alteridade, sendo que um dos aspectos visíveis dela se encontra sustentado no amor de Deus. Amar implica em alteridade: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito...” (João 3:16)

Outro aspecto importante da encarnação de Cristo foram as implicações para a vida Dele entre nós. A encarnação de Cristo nos traz a memória que Ele deixou toda a sua glória: “...mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus...” (Filipenses 2:6).

Deixar a glória, implica para Jesus a renúncia de status: “...ele se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos...”. No livro comentário sobre o Pacto de Lausanne, há a seguinte afirmação sobre o esvaziar-se de Jesus:

“Ele renunciou aos direitos, privilégios e poderes de que gozava como Filho de Deus. Renunciou à independência: ele dependeu dos seres humanos para viver. Renunciou à imunidade: Jesus se expôs à tentação, ao sofrimento, à limitação, à necessidade econômica e à dor. Tornou-se vulnerável.” (Lausanne, 2007, p.49)

Deixar a glória é Jesus se submeter ao sofrimento da cruz sem possibilidade de usar Sua glória para escapar dela: “...ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.” (Filipenses 2:8). Um exemplo bem interessante sobre a renúncia de Jesus se encontra no jardim do Getsêmani ao falar para Pedro: “Guarda a espada na bainha! Por acaso não beberei o cálice que o Pai me deu?” (João 18:11). Guardar a espada no momento em que ele poderia manifestar a Sua glória diante da prisão injusta é renúncia. Ele se submete ao cálice de sofrimento da cruz, anula-se em seus direitos para nos salvar.

Também nos escritos do apóstolo Paulo podem-se identificar os princípios da renúncia e da humilhação vivenciados na encarnação de Cristo. Notem que em Atos 8:3, Saulo, em toda a sua glória humana de fariseu fervoroso, arrastava homens e mulheres para a prisão sem compreensão sobre o outro, sem diálogo, sem amor e sem compaixão. Porém, depois do encontro com Jesus na estrada para Damasco, o apóstolo Paulo se “escraviza” às pessoas. Ele se anula para amá-las, respeitá-las em suas histórias de vida com o propósito de compartilhar e persuadi-las a aceitar a Cristo: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível.” (1 Coríntios 9:19). Na bíblia “A Mensagem”, Eugene Peterson faz a seguinte paráfrase de 1 Coríntios 9:19: “...tornei-me um servo voluntário de todos para alcançar todo tipo de gente: religiosos, não religiosos, moralistas, libertinos, fracassados, desmoralizados – não importa.”

A vida de Jesus manifestada em seus ensinamentos, pregações, sentimentos, ações e orações estava imerso na alteridade. A seguir, iremos elencar algumas passagens dos Evangelhos com o objetivo de observar como Jesus viveu a proposta da alteridade na oração e na aproximação do outro.

### **2.2.1 – A oração: lugar de ambiência para aprender sobre alteridade**

No sermão do monte, antes de ensinar a multidão a orar, Jesus proporciona algumas diretrizes que irão diferenciar dois tipos de oração: uma que não há o relacionamento com Deus e a outra em que a comunhão com Deus nutre a ambiência da oração. Essas diretrizes terão reflexos na vida dos atuais e futuros discípulos de Jesus no livro de Atos.

Jesus aconselha a seguinte ambiência para praticarmos a oração: “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará” (Mateus 6:6). Segundo Rienecker (1998), o quarto refere-se a um recinto sem janelas e escondido em casa onde eram depositados os alimentos. O lugar dos alimentos ficava livre do ataque de ladrões e animais selvagens. Era o único espaço dentro de casa que podia ser trancado.

Quando Jesus fala para entrarmos na despensa de alimentos para orar, o sentido retrata o fato de que a comunhão com Deus é a ambiência onde o outro/Deus traz à luz aquilo que somos: “Da mesma maneira, também o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza. Porque não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis.” (Romanos 8:26). O lugar de oração é a oportunidade de aprendermos sobre quem somos iluminados pela relação de aproximação com outro/Deus. A alteridade aprendida abre caminhos de sensibilidade para nos aproximarmos aos outros seres humanos diferentes de nós.

No livro *Oração: o segredo para abrir o coração* do líder cristão norueguês Ole Hallesby (1879-1961), preso na II Guerra Mundial por sua resistência ao nazismo, há uma descrição da oração que nos ajuda a entender com mais profundidade a oração centrada na alteridade recomendada por Jesus aos seus discípulos. Chegamos diante de Deus em oração e conseguimos perceber nossa incapacidade de crer, de amar, de ter esperança, de servir, de fazer sacrifícios, de sofrer e de ler a bíblia. A ambiência

da oração nos possibilita em ser preenchidos por todas as nossas insuficiências através do outro que é Deus:

“...orar consiste simplesmente em dizer a Deus, dia após dia, em que aspectos nos sentimos incapazes. Somos levados a orar cada vez que o Espírito de Deus, que é o espírito da oração, acentua de novo nossa insuficiência e nos leva a perceber como somos incapazes por natureza de crer, de amar, de ter esperança, de servir, de fazer sacrifícios, de sofrer, de ler a bíblia, de orar e de lutar contra nossos desejos pecaminosos.” (Hallesby, 2008, p.22).

A oração da alteridade pode ser vista na vida dos discípulos de Jesus em toda a história do livro de Atos. Um dos exemplos encontra-se nos lábios de Estevão no momento de sua morte: “E enquanto o apedrejavam, Estevão orava, dizendo: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito’. Então, ajoelhando-se, gritou bem alto: ‘Senhor, não os condene por causa deste pecado!’” (Atos 7:59-60). Estevão atingiu o ápice da alteridade ao se aproximar dos outros/seus agressores, clamando que Deus os perdoasse. A oração de Estevão é a paráfrase do clamor de Cristo na cruz que também se aproximou dos outros/agressores em intercessão: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Em relação à oração que não é marcada pela alteridade, pela presença do outro/Deus, ela se caracteriza pela aparência e por palavras vazias de sentido. Em Mateus 6:5, Jesus diz que “...quando orardes, não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens”. Para o judeu da época de Jesus, a oração tinha se transformado em performance, isto é, orar é um ritual a cumprir. Segundo Rienecker (1998), o judeu tinha que fazer três orações por dia (as 9 horas, as 15 horas e a noite) e a confissão de fé, o *shemá*, pela manhã e à noite com o objetivo de se proteger dos maus espíritos, prolongar a vida e garantir a ida para um mundo vindouro.

Outra característica dessa oração sem a presença do outro/Deus é a mera repetição de palavras sem reflexão e vazia de sentido para que as divindades dos gentios pudessem atender seu clamor: “E quando orardes, não useis de repetições inúteis, a exemplo dos gentios; pois eles pensam que serão ouvidos pelo muito falar.” (Mateus 6:7). O ambiente de oração sem o outro/Deus pode enfraquecer a sensibilidade de abertura e de aproximação aos outros seres humanos.

### 2.2.2 – Cristo: aspectos de uma vivência de alteridade

O Evangelho de Mateus 9:36 retrata um dos mais profundos pensamentos de Cristo que demonstra em como ele olhava para as pessoas: “Ao ver as multidões, Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor<sup>13</sup>.” (Mateus 9:36).

É interessante observar como o olhar de Jesus é cheio de alteridade, o foco é o outro. Jesus poderia ter um olhar amargurado ou ensimesmado sobre as pessoas, pois ele foi chamado de feiticeiro ou príncipe dos demônios (Mateus 9:34, 10:25, 12:24, 27), de enganador (Mateus 27:63-64). Houve tentativas de assassiná-lo por parte dos fariseus (Mateus 12:14). Jesus foi vítima da ira dos sacerdotes e dos escribas ao ouvirem as crianças o exaltando como filho de Davi (Mateus 21:15-16). Enfim, líderes de todos os tipos e patentes (escribas, fariseus, saduceus, anciãos do povo e principais sacerdotes) se opuseram à Jesus do berço ao túmulo.

O trabalho de Nolan (2010, p.40) intitulado “Jesus antes do cristianismo” afirma que Jesus era da classe média: “Jesus veio da classe média. Ele não era, por nascimento e educação, um dos pobres e oprimidos.” Ele tinha o ofício de carpinteiro e o fato de frequentar a sinagoga era sinal de que ele fora alfabetizado. O acesso à escrita já o tornava diferenciado das pessoas da classe pobre. Portanto, essas circunstâncias o caracterizavam como uma pessoa pertencente à classe média da Palestina. O que levou Jesus a se envolver com a classe baixa? “O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelos pobres e pelos oprimidos.” (Nolan, 2010, p.49).

No texto de João 8:1-11, há o relato sobre a mulher pega em flagrante adultério. É interessante observar como a história contrasta uma vida cheia de alteridade, Jesus,

---

<sup>13</sup> Quem eram as ovelhas que não têm pastor?

“Os evangelhos se referem às pessoas para quem Jesus voltou sua atenção por meio de várias expressões: os pobres, os cegos, os coxos, os aleijados, os leprosos, os famintos, os miseráveis, os pecadores, prostitutas, coletores de impostos, endemoninhados, os perseguidos, os esmagados, os cativos, todos os que labutam e estão sobrecarregados, a ralé que não conhece nada, os últimos e as criancinhas ou as ovelhas perdidas da casa de Israel. São expressões que se referem a segmento bem definido e inconfundível da população. Jesus geralmente se refere a eles como os pobres ou os pequeninos; os fariseus se referem às mesmas pessoas como os pecadores ou a ralé que não conhece nada da lei.” (Nolan, 2010, p.40).

e vidas cheias de conquistas e posições religiosas caracterizadas pelos fariseus e escribas.

Os fariseus e escribas mantêm distância da mulher, criando dois grupos: os religiosos e a pecadora. Eles julgam a mulher como adúltera, pecadora, se distanciando dela, deixando-a submissa a eles ao colocá-la em pé no centro da roda (João 8:3), ignorando a sua presença através do silenciamento e se preparando para o ato de violência pelo apedrejamento.

Jesus age de forma contrária aos fariseus e escribas ao se aproximar da mulher. Primeiro, ele retira a tensão do ambiente, afastando àqueles que poderiam machucar e humilhar a mulher (João 8:6-9), as pedras caíram ao chão. Essa atitude de Jesus produz um ambiente de segurança e de valorização da mulher, possibilitando a aproximação de Jesus. Jesus fala ela: “Mulher, onde estão eles? Ninguém condenou você?” (João 8:10); ele dá voz a mulher: “Ela respondeu: ‘Ninguém, Senhor!’” (João 8:11) e ele restaura a dignidade através do perdão dos pecados: “Então Jesus disse: Também eu não a condeno; vá e não peques mais.” (João 8:11).

### **2.2.3 – A alteridade de Cristo e a ressignificação do inimigo como próximo**

No texto do Evangelho de Mateus 5:43-44, há uma das maiores declarações da humanidade no sermão do Monte: o próximo/o outro não é constituído somente pelos relacionamentos de amizade. Agora, o próximo também inclui o inimigo que vem de relacionamentos onde geralmente há rupturas interpessoais. No pensamento de Cristo, o próximo é tanto o amigo quanto o inimigo: “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame ao seu próximo e odeie o seu inimigo’. Eu, porém, lhes digo: amem aos seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês.” (Mateus 5:43-44). Notem que Cristo acrescenta um novo sentido semântico à palavra “próximo”. Antes, o “próximo” era considerado somente o amigo. Depois da declaração de Cristo, o “próximo” significa amar tanto aos amigos quanto aos inimigos:

Um estudioso britânico chamado Alfred Plummer, disse há mais de um século e com bastante razão que: ‘Devolver o bem com o mal é demoníaco. Devolver o bem com o bem é humano. Mas devolver o mal com o bem, isso é divino. E só é possível para quem está em sintonia com Jesus de Nazaré.’ (Sayão, 2023, p.123)

A declaração-mandamento de Jesus de amar ao inimigo nos conduz à parábola do “Bom Samaritano” registrada no Evangelho de Lucas 10:25-37. Nessa história, a misericórdia sinalizada pelo samaritano ao homem judeu<sup>14</sup>, vítima da violência de assaltantes na estrada de Jerusalém para Jericó<sup>15</sup>, ressignifica a relação de ódio étnico para um amor altruísta que considera o inimigo como próximo.

O sacerdote e o levita, autoridades religiosas, conheciam profundamente a lei mosaica registrada em Levítico 19:18, 33-34. Consoante a Lei, o judeu deveria amar o seu próximo da mesma etnia e o estrangeiro de outra etnia. Porém, na parábola contada por Jesus, eles foram insensíveis diante do sofrimento, da violência assoladora perpetrada contra o próprio irmão judeu: “Por casualidade, um sacerdote estava descendo por aquele mesmo caminho e, vendo aquele homem, passou de largo. De igual modo, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, passou de largo.” (Lucas 10:31-32). Segundo Rienecker (2005), a expressão “...passou de largo” mostra um sentido de crueldade e dureza por falta da misericórdia do sacerdote e do levita diante da cena que exige urgente compaixão ao próximo.

O olhar do samaritano para a situação do judeu ferido foi de abertura à dor do próximo sem se importar com as questões de divisões históricas e sociais (Lucas 10:33). O samaritano misturou vinho com óleo para desinfetar as feridas do judeu, isto é, ele tocou no corpo do seu inimigo étnico (Lucas 10:34). Em seguida, ele se esforçou fisicamente para colocar o judeu em cima do seu meio de locomoção, um animal, e caminhou até uma hospedaria. Nela, o samaritano dividiu seus recursos financeiros para cuidar do seu próximo judeu.

A parábola do “Bom Samaritano” resgata Mateus 5:43-44, pois o inimigo se transforma em próximo quando a verdade do amor ao próximo flui do mandamento para a ação. O sacerdote e o levita conheciam a verdade de amar ao próximo, seja judeu ou estrangeiro, de modo intelectual. Já o samaritano vivenciou a verdade de amar ao próximo através da compaixão concretizada na cura das feridas, no

---

<sup>14</sup> Segundo Rienecker (2005), provavelmente o homem assaltado era um judeu, pois caso não fosse, o proprietário da hospedaria teria rejeitado o hóspede.

<sup>15</sup> De acordo com Rienecker (2005, p.159), “Jerusalém e Jericó, distam cerca de sete horas uma da outra. O caminho de Jerusalém a Jericó levava pelo temido deserto rochoso de Judá. Essa região era mal afamada por causa de sua insegurança. Nesse trajeto aconteceu que o homem caiu entre os assaltantes, foi despido e violentamente maltratado, sendo por fim abandonado semimorto e seminu.”

deslocamento para a hospedaria e na divisão dos recursos financeiros para que o judeu ferido fosse restaurado em sua dignidade humana.

### **2.3 – Migração e alteridade: sensibilidade aos desafios da vida do migrante africano no Brasil**

Nesta seção, iremos destacar alguns desafios da vida do migrante africano no Brasil. Um dos aspectos para a aproximação ao outro está em conhecer a realidade de vida desse outro. Assim essa seção tem o propósito de descrever, mesmo de forma resumida, alguns aspectos que envolve o dia a dia do migrante africano. No capítulo 3, haverá um aprofundamento específico sobre a realidade de uma comunidade da diáspora africana de estudantes universitários.

#### **2.3.1 – A lógica desigual da migração**

A obra clássica a respeito de migração do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1933-1998) intitulada “*A imigração ou os paradoxos da alteridade*” coloca-nos diante de uma profunda reflexão socioeconômica na definição do ser migrante. O sociólogo trabalhou com a migração de argelinos para a França durante e depois da colonização francesa. O vigor de sua pesquisa pode ser comprovado no prefácio do livro feito pelo sociólogo Pierre Bourdieu: “Com Abdelmalek Sayad, o sociólogo torna-se escritor público. Ele dá voz àqueles que dela são mais cruelmente despossuídos.”

De acordo com Sayad (1991), a migração acontece por causa de uma lógica sistêmica desigual entre o mundo da emigração, constituído pelos países subdesenvolvidos, e o mundo da imigração formado pelos países desenvolvidos. O migrante se desloca para o mundo da imigração em busca do trabalho que ele não encontra em seu país. No mundo da imigração, há outra lógica de poder relacionada ao mercado de trabalho. O trabalho qualificado ou o trabalho de qualidade tende a ser dos trabalhadores nacionais, enquanto o trabalho subqualificado ou de menor qualificação técnica e social está destinados aos trabalhadores migrantes.

A pesquisa etnográfica realizada por Silva (2013) acompanhou um grupo de cinco jovens migrantes do continente africano, sendo quatro de Guiné-Cronakry e um da Nigéria. Eles moravam na cidade de São Paulo e foram recrutados no bairro do Brás pela empresa GAH (Grupo de Abate Halal) para trabalhar no setor de sangria de frango *halal* do frigorífico da Sadia em Francisco Beltrão/PR. Durante a pesquisa, Silva

(2013) foi apontando os processos de silenciamento e de desvalorização da mão de obra migrante no contexto laboral dos frigoríficos como horas de trabalho não remunerado, danos graves à saúde por causa do trabalho e o desenvolvimento da síndrome do sobrevivente<sup>16</sup>.

No caso da diáspora de estudantes africanos em Acarape/CE, observamos que o estudante ao terminar seu curso de graduação tenta três opções: a) continua a formação acadêmica, indo para outras universidades públicas do sul e do sudeste do Brasil, b) busca a migração para Portugal ou c) procura trabalhos subqualificados em capitais brasileiras. Portanto, nota-se que esse estudante cuja migração ocorreu por causa da qualificação educacional, pode se transformar na busca pelo trabalho e por condições de vida melhor tanto para eles quanto para os familiares do país de origem.

### **2.3.2 – As novas identidades sociais dos migrantes africanos no Brasil**

O artigo intitulado “Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil” de autoria da antropóloga Dulce Mungoi mostra a pesquisa feita durante o período de setembro de 2004 a novembro de 2005 com estudantes universitários matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas na região metropolitana de Porto Alegre.

A tese principal do artigo fundamenta-se no fato de que a identidade é uma construção social e dinâmica e que atores sociais utilizam diferentes formas e estratégias de negociação para a construção e reconstrução de suas identidades sociais e étnico-raciais. No caso dos estudantes africanos, a autora propõe que na migração para o Brasil, os estudantes enfrentam conflitos e dilemas identitários onde as suas múltiplas identidades (individuais, coletivas, continentais e étnico-raciais) são acionadas e resignificadas permanentemente em função de diferentes contextos e esferas sociais que se interpenetram.

Mungoi (2012) identificou três tipos de identidades mobilizadas pelos estudantes, a saber: nacional, continental e racial. Com base nas entrevistas dos estudantes, foi possível delimitar os ambientes em que essas identidades são construídas:

---

<sup>16</sup> A situação precária dos trabalhadores de frigorífico no Brasil foi relatada no documentário “Carne Osso”, produzido pelo Repórter Brasil.

- *Ambiente da chegada ao Brasil*: os estudantes ao desembarcarem no território brasileiro são portadores de uma identidade nacional que contém seu capital cultural, isto é, eles não se constituem como um grupo unitário, mas cada estudante é de uma etnia (chope, changana, bacongo, ovibundo, yorubá ou fula), fala uma língua, possui uma vivência herdada dos seus ancestrais em solo africano etc;<sup>17</sup>
- *Ambiente na nova sociedade local/relação com os brasileiros*: no processo de inserção no Brasil, os estudantes começam a manejar uma nova identidade, a continental, atribuída a eles pelos brasileiros. Os brasileiros consideram os estudantes como “os africanos”, silenciando as particularidades nacionais, culturais, linguísticas, étnicas, religiosas que compõem a identidade nacional africana.

Outra identidade que os estudantes precisam construir é a racial. Na cosmovisão dos brasileiros, os estudantes africanos passam a ser discriminados devido à tonalidade da cor da pele. Nos países da África, a cor da pele distingue as diferenças étnicas. No Brasil, a cor da pele passa a ser um estigma social associado ao negro brasileiro. Assim, a identidade racial remete os estudantes africanos a um lugar de pouco prestígio na sociedade brasileira: o lugar do negro. Esse lugar social é marcado pela exclusão social, discriminação social e pelos estereótipos.

- *Ambiente intragrupal*: os estudantes africanos desconstroem a identidade africana atribuídas a eles pelos brasileiros. No convívio intragrupal, os estudantes se autodefinem como africanos a partir de categorias simbólicas como nacionalidade/etnicidade, sotaque, língua materna, penteado do cabelo, o vestuário, as danças que variam de etnia para etnia, as músicas, as comidas etc. É importante destacar que essas categorias conferem uma definição de

---

<sup>17</sup> A afirmação de Gusmão (2011) sobre os migrantes estudantes africanos contribui para a compreensão sobre o que significa *ser lá da África e ser aqui do Brasil*:

“Em relação ao ‘ser’, a identidade dos estudantes, eles vivem em ambiguidade, pois não são mais inteiramente da terra de onde vieram e não são da terra onde estão. Em relação à terra de origem, esses estudantes têm novos modos, formas de vestir, comportar que são considerados estranhos para os que ficaram em sua terra de origem. E também, onde os estudantes estão vivendo, eles são tratados como estrangeiros, africanos e negros. Toda essa terminologia é vazia de sentidos. Na África, os estudantes são angolanos, moçambicanos, caboverdianos, guineenses, são-tomenses, balantas, fulas, pepel, quimbundos, ovibundos, crioulos, mestiços sem referência étnica, etc.” (GUSMÃO, 2011, p.193).

fronteiras sobre o que significa “ser africano”. A identidade africana intragrupal se diferencia das identidades continental e racial imposta pelos brasileiros.

### 2.3.3 O migrante africano: emoções e saúde mental

Além dos desafios e dificuldades relacionados ao mercado de trabalho e a ressignificação de identidades pelos migrantes africanos, podemos apontar aspectos relacionados às emoções e à saúde mental implicados no processo de deslocamento.

Alguns artigos nas áreas de psiquiatria e de psicologia nos ajudam a dimensionar o interior, a alma do migrante. No artigo de Mota, Silva Franco, Motta (1999) afirmam que a experiência da migração é comparada ao processo do luto:

Do ponto de vista psicodinâmico, **a migração** pode ser concebida como **um processo semelhante ao luto**, no qual o indivíduo se afasta da família e dos entes queridos; de sua língua, cultura, país, status social e contato com os grupos aos quais pertence; e em possível insegurança. **O processo migratório envolve três tipos de luto: o luto simples**, que ocorre e é trabalhado em boas condições; **luto complicado**, que envolve sérias dificuldades no trabalho da experiência migratória; e **luto extremo**, que ocorre de forma problemática e não pode ser processado, sobrecarregando as capacidades adaptativas do sujeito e levando à chamada "síndrome do imigrante com estresse crônico ou múltiplo" ou "síndrome de Ulisses". (Mota, Silva Franco, Motta, 1999, p.6, grifo nosso)

A pesquisa de Pussetti (2010) destaca duas facetas que permeiam as emoções e a saúde mental dos migrantes. Segundo a autora, os migrantes ficam mais vulneráveis emocionalmente por causa de todo o processo de perda ou “luto” envolvido no processo de migração:

“O processo migratório, segundo alguns autores, constitui em si um factor de risco, na medida em que reúne **sete elementos** de perda: **da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do contacto com o grupo étnico e religioso**. Esta série de perdas é vivenciada como um luto e sempre acompanhada por uma maior vulnerabilidade aos transtornos mentais e/ou às perturbações emocionais. Muitos autores realçaram a maior vulnerabilidade que os imigrantes apresentam em relação a problemas de saúde em geral e de saúde mental em particular, devido não só à dureza do processo migratório, mas também à exposição quotidiana a formas de discriminação” (Pussetti, 2010, p.96, grifo nosso).

Outro fator de vulnerabilidade do ser migrante que afeta as emoções e a saúde mental está relacionado à situação socioeconômica precária que leva o migrante para a ambiência da marginalização no novo país de residência:

“Sem dúvida, a fragilidade destes grupos não é somente devida à experiência da migração, mas especialmente ligada à sua situação socioeconômica mais precária, à marginalização, à ilegalidade e à falta de um apoio social adequado: condições que causam pressão psicológica, além de constituírem factores de risco sanitário no seu sentido mais amplo (altas taxas de traumatismos e incidentes no trabalho, por exemplo).” (Pussetti, 2010, p.96).

### **CAPÍTULO 3**

## **REFLETINDO SOBRE ALTERIDADE ATRAVÉS DA METODOLOGIA DO OLHAR, OUVIR E ESCREVER**

Este capítulo tem como objetivo descrever a metodologia utilizada para conhecer, através de entrevistas abertas, algumas realidades vivenciadas na migração pelos estudantes africanos da cidade de Acarape/CE. É importante destacar que a metodologia do olhar, ouvir e escrever descrita por Oliveira (2000) é um modo que possibilita desenvolver uma sensibilidade em relação à alteridade com o outro africano. As entrevistas feitas para esse trabalho vêm de um convívio de quatro anos com a comunidade da diáspora africana, gerando dessa forma um ambiente de segurança e confiança para que os estudantes entrevistados pudessem se sentir à vontade em relação as perguntas do questionário.

### **3.1 – Olhar, ouvir e escrever: uma metodologia de pesquisa voltada para a alteridade**

Retomando o texto de Mateus 9:36, citado no capítulo 2, observa-se que a compaixão de Jesus pelas pessoas surge do modo como ele as olha. E, provavelmente, considerando os capítulos 8 e 9 de Mateus, pode-se verificar que Jesus ouve os clamores de sofrimento de várias pessoas em diversas circunstâncias: paralítico, o falecimento da filha de um chefe da sinagoga, cegos, a mulher com hemorragia, os discípulos apavorados no meio de uma grande tempestade etc. O exercício de olhar e ouvir em interação com as pessoas implica em conhecer a realidade do outro, buscando uma aproximação ao outro através da empatia, da compaixão e do envolvimento com a situação em que o próximo se encontra. Portanto, esses atos, que os antropólogos associam com a etnografia, podem ser considerados também como caminhos de alteridade. Ao mesmo tempo em que faço a pesquisa, há a possibilidade de ir desenvolvendo a alteridade sobre uma determinada comunidade.

Nesta pesquisa, a metodologia qualitativa foi baseada nesses três momentos: olhar, ouvir e escrever. De acordo com o livro *O trabalho do antropólogo* de Oliveira (2000), o olhar, o ouvir e o escrever são atos cognitivos de percepção e de pensamento que permitem o pesquisador/antropólogo conhecer os fenômenos socioculturais de uma comunidade, pois sem a percepção e o pensamento o

conhecimento da realidade se torna precário com a possibilidade de desenvolvermos um etnocentrismo<sup>18</sup> na interação social com o outro.

É interessante observarmos que os atos cognitivos do olhar, do ouvir e do escrever estão inseridos na vivência missionária, embora, muitas vezes, não se tenha a consciência de como esses atos influenciam nas interações entre os missionários e o povo. Na área da missiologia, há uma interlocução entre a área da antropológicas e da antropologia missionária em que podemos aprender sobre os atos do olhar, ouvir e do escrever que constituem a ponte na prática missionária intercultural. As pesquisas de Hiebert (1999; 2016), Nascimento (2013) e Mattos (2025) têm demonstrado que a metodologia da antropologia pode contribuir na contextualização do Evangelho:

“...a Antropologia pode-nos ajudar a tornar o evangelho relevante aos nossos ouvintes. Como observamos, há um profundo abismo entre as culturas contemporâneas e o contexto sociológico no qual a Bíblia foi fundamentada. Para acabar com esse abismo precisamos compreender a revelação divina dentro de seu contexto histórico e cultural bem como o homem moderno em seu ambiente atual. Este último pode ser obtido, em parte, por meio das ciências sociais. Finalmente, a Antropologia pode-nos auxiliar em nossos relacionamentos com pessoas de todo o mundo, em toda a sua diversidade cultural e nos ajudar a construir pontes de compreensão entre elas.” (Hiebert, 1999, p.16)

Recentemente foi publicado o livro intitulado *Reflexões missiológicas: ensaios sobre vocação, evangelização e realidade missionária* do missiólogo e Pr. Rinaldo de Mattos, fundador da Associação Evangélica Missionária (ALEM) para a tradução da bíblia. No capítulo 10, *A cultura Xerente e a Bíblia Sagrada: semelhanças e contrastes*, há o exercício dialogal entre a contextualização do Evangelho e os mitos da nação Xerente. Os mitos foram catalogados por Mattos (2025) com base em investimento de tempo para ouvir o povo Xerente em suas histórias. Depois da coleta dos mitos, cada um foi transcrito de forma minuciosa. Portanto, percebe-se como a antropologia acadêmica e a antropologia missionária podem auxiliar na contextualização do Evangelho. Enquanto a antropologia fornece *insights* importantes em relação aos

---

<sup>18</sup> O etnocentrismo é considerar um modo vida como o mais correto e o mais natural:

“O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.” (Laraia, 1986, p.76).

aspectos culturais, a antropologia missionária auxilia no discernimento entre o que é bom na cultura, as marcas do pecado dentro da cultura e as “janelas culturais” de entrada do Evangelho na cultura.<sup>19</sup>

Retomando a metodologia etnográfica, o olhar e o ouvir são os atos que constituem a percepção. O olhar se caracteriza tanto pelo olhar “ingênuo” sobre objeto/evento social quanto por um olhar sensibilizado pelas teorias sociais. Aplicando o olhar na vida do missionário, podemos dizer que o olhar “ingênuo” se constitui pelas primeiras impressões sobre uma determinada sociedade e cultura. Enquanto o olhar baseado em uma teoria social, como a antropologia, auxilia no processo de aprendizagem em conhecer o povo em que o missionário está interagindo. Oliveira (2000, p.21) destaca a importância da teoria social no ato do olhar uma determinada cultura: “...a teoria social pré-estrutura o nosso olhar e sofisticada a nossa capacidade de observação.”

É importante destacar que no caso do trabalho missionário, além das teorias sociais, o olhar do missionário deve levar em consideração a antropologia missionária no momento da contextualização do Evangelho. O conhecimento da antropologia missionária permite discernir entre o que é saudável e belo numa cultura e as marcas do pecado nela:

Nem tudo na cultura humana é condenável. Os seres humanos são criados à imagem de Deus e, como tais, criam culturas, que têm muito de positivo e utilizável pelos cristãos. Toda cultura oferece uma medida de ordem que torna a vida possível e significativa.

Todavia, por causa do pecado do homem, todas as culturas também possuem estruturas e práticas pecaminosas. Entre elas estão escravidão, discriminação, opressão, exploração e guerra. O Evangelho as condena, assim como julga os pecados dos indivíduos. (Hiebert, 1999, p.56).

Nesta pesquisa, o olhar foi formado pelo tempo de vivência na cidade de Buba, sul de Guiné-Bissau durante o período de 2014 a 2019 e pelo período vivido entre a

---

<sup>19</sup> Em conversa pessoal com o Pr. Rinaldo de Mattos, ele compartilhou que no início de seu ministério com a nação indígena Xerente, o antropólogo Prof. Dr. Roque Laraia da Universidade de Brasília proporcionou várias dicas sobre antropologia para ele olhar a nação indígena Xerente. É interessante destacar que o ministério do Pr. Rinaldo de Mattos estabelecia pontes com professores não evangélicos tanto da área da linguística quanto da área da antropologia. Foi um pastor que sempre serviu a comunidade acadêmica com diálogo e respeito com sua sabedoria e conhecimento sobre a gramática Xerente.

comunidade de estudantes universitários da diáspora africana na cidade de Acarape, região do sertão do Estado de Fortaleza de 2022 a 2025. Deve-se destacar que essa experiência vivida nesses dois contextos, o *lá* no continente africano e o *aqui* na diáspora africana, não teve o objetivo de cumprir uma metodologia etnográfica. Mas ao observar, em como minha família e eu nos envolvemos de forma profunda nas interações socioculturais com a comunidade guineense e como a vivência nesse contexto<sup>20</sup> nos ajudou na redução do etnocentrismo em nosso olhar à comunidade de africanos universitários em Acarape/CE, vejo que algumas vivências desse período tanto em Guiné-Bissau quanto na cidade de Acarape refletem o olhar da observação participante. Segundo Angrosino (2008, p.76), “a observação participante é um processo de aprendizagem por exposição ou por envolvimento nas atividades cotidianas ou rotineiras de quem participa no cenário da pesquisa.”

O segundo ato cognitivo da percepção é o ouvir que complementa o olhar na dimensão em que o centro não está no pesquisador, mas no discurso da comunidade investigada. Por exemplo, se o nosso foco de pesquisa é a diáspora africana de universitários em Acarape/CE, o olhar pode ser pré-estruturado através de teorias sociais sobre migração, sobre os artigos publicados a respeito da comunidade, por livros relacionados à temática da migração etc. Porém, para se perceber a realidade dessa comunidade, é preciso ouvir os estudantes. Uma das técnicas utilizadas na etnografia é a entrevista que possibilita trazer as explicações, os sentimentos, os pensamentos e as intenções através da fala da comunidade. Essas expressões pessoais não são possíveis de ser identificadas somente pelo ato do olhar. Portanto, o ouvir servirá de base para se adequar o nosso olhar com o objetivo de produzir um conhecimento que retrate a realidade da comunidade de africanos universitários na cidade de Acarape.

E por fim, segundo Oliveira (2000), o ato da escrita é o processo de textualização, de redigir um texto baseado nos fenômenos socioculturais observados “estando lá”, isto é, no trabalho de campo/*fieldwork* onde foram desenvolvidos os atos

---

<sup>20</sup>Na cidade de Buba em Guiné-Bissau, a vivência missionária da minha família foi marcada pelos vários *djumbai* ou “dedo de prosa” com as famílias do bairro Neema, pela participação em eventos comunitários, pela restauração de um centro comunitário abandonado há 12 anos que se transformou num espaço de ensino e aprendizagem o **Centro Multilíngue de Educação Fo Kaira** (*Fo kaira* – é uma expressão da língua bafada que significa “coisa boa”) e pela documentação e estudo da fonética e fonologia da língua bafada. Uma língua que ainda tem somente dois artigos de descrições gramaticais.

cognitivos do olhar e do ouvir. Através da escrita, os materiais coletados do olhar e do ouvir (diários, entrevistas, fotografias, etc.) serão analisados, produzindo através de um texto a realidade encontrada na comunidade estudada. Por isso, o ato da escrita é transformar em texto a memória, é tornar o passado, que se conectou com um povo através do olhar e do ouvir, em presente:

“...a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever. Seria uma espécie de presentificação do passado (...)” (Oliveira, 2000, p.34).

Nas seções 3.2 e 3.3, iremos apresentar o contexto social em que se encontra a diáspora africana de estudantes universitários na região do sertão do Estado do Ceará e descrever como iremos compor o *corpus* da pesquisa através de entrevistas com o propósito de escutar a realidade vivida pela comunidade africana na cidade de Acarape.

A metodologia desta pesquisa tem como objetivo responder o problema apresentado na introdução: como podemos ter uma vivência missionária centrada na alteridade de forma que possamos diminuir o estranhamento com “este outro”/migrante africano no Brasil? Para haver aproximação com o migrante africano, é necessário conhecer a realidade da vivência desse outro. As entrevistas têm o propósito de proporcionar o conhecimento sobre o contexto social vivido pelos migrantes africanos universitários no interior do Estado do Ceará.

### **3.2 Entendendo o contexto da pesquisa: a diáspora universitária africana na região do sertão no Estado do Ceará**

Atualmente, há a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) criada pela lei nº12.289 de 20 de julho de 2010 e instalada em 25 de maio de 2011 nos municípios de Acarape e de Redenção no Estado do Ceará e no município dos Malês no Estado da Bahia. É interessante observar que a escolha da cidade de Redenção se deve ao fato histórico de que a cidade foi a primeira a abolir os escravos no Brasil antes da Lei Áurea. O objetivo de ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional formar recursos humanos para

contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (PALOP) a saber: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Destaca-se também o papel da Unilab na interiorização de cursos superiores no interior do Estado do Ceará, zona do sertão, através do Ensino à Distância que contribui na formação de professores de escolas estaduais e municipais com dificuldade no acesso à educação superior.

Atualmente a universidade possui três campos: Campus dos Malês no município dos Malês; Campus Aurora e Campus Palmares no município de Acarape e Campus Liberdade onde está a sede administrativa no município de Redenção. Os municípios de Acarape e de Redenção são cidades vizinhas no Estado do Ceará. Os campus Aurora, Liberdade e Palmares localizam-se a 65 km da capital do Ceará, Fortaleza. É importante destacar que esses dois municípios embora estejam localizados perto da capital do Estado, eles são distantes culturalmente, pois o Maciço de Baturité pode ser considerado região de sertão cearense uma vez que possui o mesmo tipo de clima e características dos municípios do interior do Estado.

Em relação aos alunos vindos da PALOP, segundo os dados disponibilizados no site da universidade, há 1.318 alunos dos países do continente africano de língua oficial portuguesa. Deve-se destacar também que 50% das vagas da universidade são destinadas aos discentes angolanos, caboverdianos, guineenses, moçambicanos e são tomenses.

O artigo de Maciel (2017) descreve a ambiência cultural de integração na Unilab entre as culturas africanas trazidas pelos alunos:

“No Campus, as identidades africanas se manifestam de diversas maneiras: nos cânticos e danças tradicionais, por ocasião dos festejos e comemorações do Dia de África ou quando são celebradas as independências nacionais da ex-metrópole Portugal. Fora dessas datas, é comum encontrar atividades desenvolvidas por professores e técnicos administrativos envolvendo oficinas e projetos de extensão na Universidade ou em locais abertos na cidade. Sobressaem eventos em que se discute Estado e sociedade nos países lusófonos; identidades africanas em diáspora; nação e estado-nação; lutas de libertação e usos do cabelo crespo e do corpo como marcadores de identidades; além de atividades que buscam produzir conhecimento sobre o continente africano, como ocorre com o Seminário de Sociologia Africana” (Maciel, 2017; p.197).

Por fim, retomando a origem da Unilab, há uma hipótese sobre como surgiu a ideia de organizar uma universidade pública gratuita que beneficiaria estudantes de países africanos. Segundo a conversa que tive com o Sr. Gola, proprietário do projeto Escola de Música do município de Redenção, ele conhecedor profundo das histórias do município me relatou o fato de que a ideia da Unilab ocorreu na conversa entre o ex-secretário geral das Nações Unidas (1997-2006), Kofi Anan, e o presidente, Luís Inácio Lula da Silva. Na época, Kofi Anan teria sugerido ao presidente Lula a criação de uma instituição universitária que proporcionasse aos jovens estudantes africanos o acesso ao ensino superior no Brasil. Dessa forma, os anos de 2008 a 2009 foram decisivos no planejamento da Unilab liderado pelo ex-ministro da Educação Fernando Haddad. De acordo com os dados da Unilab, 5.000 alunos já concluíram a universidade até 2024. Em 2019, a universidade apresentou o dado de que 1.000 alunos dos países da CPLP concluíram o curso superior. Também se destaca que muitos estudantes passam nas provas de mestrado e de doutorado de outras instituições de Ensino Superior do Brasil, possibilitando a continuação de sua carreira profissional e acadêmica.

### 3.3 – Organização e análise do *corpus*: ouvindo a comunidade da diáspora africana

Os dados dessa pesquisa foram formados por entrevistas com cinco estudantes universitários guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) na cidade de Acarape/CE. Os entrevistados foram quatro estudantes do sexo masculino e duas do sexo feminino com a faixa etária entre 25 a 30 anos. Cinco entrevistados têm dois anos que moram no Brasil e um tem sete anos. As entrevistas foram realizadas no projeto social *Fo Kaira Coworking* na cidade de Acarape.

No quadro abaixo, há a descrição de cada estudante que participou das entrevistas:

**Quadro 7:** Informação sobre os estudantes entrevistados

	<b>Faixa Etária</b>	<b>Gênero</b>	<b>Graduação</b>	<b>Tempo da Entrevista</b>
Estudante 01	28	F	Pedagogia	16 minutos
Estudante 02	25	M	Humanidades	13 minutos
Estudante 03	27	M	Humanidades	14 minutos
Estudante 04	23	F	Administração	13 minutos
Estudante 05	30	M	Antropologia	20 minutos
Estudante 06	21	M	Agronomia	17 minutos

Para as entrevistas, foram elaboradas cinco questões abertas voltadas para temas de aproximação e distanciamento tanto com a sociedade brasileira quanto com a guineense:

- Quais foram as dificuldades enfrentadas para você conseguir uma vaga na Unilab?
- Quando você chegou aqui em Acarape/CE, o que mais te chocou?
- Seria possível compartilhar uma experiência positiva e uma outra experiência negativa que você viveu aqui em Acarape/CE?
- O que você mais sente falta aqui em Acarape?
- O que te falta para ser mais feliz aqui?

No capítulo 4, iremos analisar as entrevistas com base na análise em eixos temáticos.

## **CAPÍTULO 4**

### **MISSÃO E ALTERIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA**

Neste capítulo, o principal objetivo é responder ao problema desta pesquisa que está relacionado a uma prática missionária centrada na alteridade que possa diminuir o estranhamento com “este outro”/migrante africano no Brasil. Ao analisarmos os discursos de seis estudantes guineenses na cidade de Acarape/CE, esse material pode auxiliar a partir de um contexto social específico na percepção da relação entre o migrante africano e o brasileiro.

As entrevistas feitas na pesquisa podem contribuir para construção de uma missiologia diaspórica por criar uma ambiência onde a voz dos invisibilizados socialmente podem ajudar na compreensão de alguns desafios para uma prática missionária voltada ao migrante africano no Brasil. Na definição de missiologia diaspórica, o missiólogo especialista em movimentos diaspóricos Enoch Wan afirma que “uma missiologia diaspórica é uma teoria missiológica que busca compreender e participar na missão redentora de Deus entre os grupos da diáspora”<sup>21</sup> (Wan, 2011, p.751).

Após a gravação de todas as entrevistas, houve uma pré-leitura com o fim de observar os assuntos contidos em cada uma. Na sequência, iniciou-se uma leitura buscando categorizar os eixos temáticos. O quadro a seguir apresenta os eixos temáticos verificados em cada entrevista:

---

<sup>21</sup> “Diaspora missiology: a missiological framework for understanding and participating in God’s redemptive mission among diaspora groups.” (Wan, 2011, p.751).

**Quadro 8:** Eixos temáticos das entrevistas com os estudantes universitários guineenses

Estudante	Temas
01	Saudade da <i>Mama Guiné</i> Indecisão para migrar como estudante para o Brasil Cosmovisão sobre o Brasil Choque cultural Barreira linguística O que é preciso para ser feliz? Fazer esporte com a comunidade guineense
02	Importância da comunidade de fé, igreja local Roda de leitura como modo de socialização Falta das pessoas cumprimentarem na rua Racismo O que é preciso para ser feliz? Não se sentir discriminado
03	A importância do estrangeiro olhar o país de origem com empatia Migração como um fator de imposição socioeconômica Cosmovisão sobre o Brasil Educação: diferenças entre o Brasil e Guiné-Bissau Barreira linguística O que é preciso para ser feliz? Aprender o português
04	Choque cultural: expectativas frustradas sobre o Brasil Saudade da <i>Mama Guiné</i> Solidão e falta dos familiares Saudade da presença e palavra dos familiares no momento da doença Preconceito linguístico na sala de aula O que é preciso para ser feliz? Estar em comunidade
05	Diferenças sociais entre Guiné-Bissau e Brasil Cosmovisão do Brasil Acolhimento do Brasil Racismo linguístico em Guiné-Bissau Saudade da <i>Mama Guiné</i> Situação do mercado de trabalho em Guiné-Bissau e no Brasil O que é preciso para ser feliz? Casamento
06	Processo concorrido na seleção do vestibular da Unilab em Guiné-Bissau Cosmovisão sobre o Brasil Distanciamento da cultura brasileira Saudade da <i>Mama Guiné</i> Educação reflexiva x bancária O que é preciso para ser feliz? Ter os familiares na cidade de Acarape/CE

Nas seções seguintes, iremos analisar os conteúdos das entrevistas procurando observar o que elas podem trazer na compreensão da relação entre o migrante africano e o brasileiro na cidade de Acarape/CE. A partir dessa vivência, observaremos que aspectos das entrevistas contribuem para uma missiologia diaspórica que favoreça uma prática missionária centrada na alteridade para a igreja local interagir com o migrante africano.

#### 4.1 Construindo uma missiologia diaspórica através da conscientização

Retomando a parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37), analisada no capítulo 2, nela, o olhar do samaritano trouxe a consciência do sofrimento que o judeu estava passando. O sacerdote e o levita não conseguiram se conscientizar do sofrimento do irmão de raça por causa do medo de serem assaltados na estrada. Colocando a atitude do samaritano como um paradigma no ato do ouvir, a análise dos enunciados das entrevistas dos seis estudantes guineenses tem o objetivo de trazer essa consciência do que acontece na vida deles no processo da migração para o Brasil.

Muitas vezes no ministério de mobilização missionária, costumo ouvir de membros das igrejas e de pastores algumas indagações e afirmações a respeito dos migrantes africanos.

As seis entrevistas apresentaram algo de destaque que ajuda na compreensão da migração. Nenhum dos seis estudantes queria estudar no Brasil: *“eu nunca pensei vir cá no Brasil, nunca pensei, mas como eu sou de família pobre, não tem como conseguir bolsa para outro país que é Portugal”* (Estudante 03). O estudante 02 enfatiza que *“eu lembro que não era, não era assim a minha intenção de estudar aqui no Brasil. Acho que a maioria de nós, como guineenses, a gente só olha Portugal.”*. Isso mostra que o processo da migração geralmente é forçado pelas condições socioeconômicas do país e não pela vontade do migrante como o estudante 03 ressaltou: *“...eu sou de família pobre, não tem como conseguir bolsa para outro país...”*. Ninguém migra porque quer: *“porque, na verdade, eu não queria sair de Guiné.”* (estudante 01).

Outro destaque das entrevistas é que a migração é cercada pela dificuldade de migrar e pelo medo morar no novo país. Em relação à dificuldade de migrar, o estudante 02 compartilha que durante a seleção dos candidatos para estudar na Unilab, ele se inscreveu para tentar uma bolsa de estudo em Portugal. O processo foi extremamente tenso por causa da burocracia na obtenção dos documentos: *“Foi muito difícil, desde o começo, tratção, tipo, documentação, né? Eu lembro que eu também tava no processo bolsa Portugal, o meu nome tava na lista, né? Eu lembro que a mulher pegava os meus certificados, então pra pegar os certificados da mão da mulher e começar o processo da Unilab não era fácil...”*

Os seis estudantes compartilharam a cosmovisão que geralmente o povo guineense tem do Brasil por causa da TV Record. Eles veem um país violento e perigoso devido às novelas e ao telejornal veiculados pela emissora. As notícias e os modos de vida retratados nas novelas acabam gerando ansiedade pelo medo de morar num lugar marcado pela violência. Assim o momento de preparativos para a viagem ao Brasil é cercado por situações de muito estresse na família dos estudantes. No quadro a seguir, há as falas que ressaltam o imaginário guineense sobre o Brasil:

**Quadro 9:** Cosmovisão dos guineenses sobre o Brasil

<b>Estudante 01</b>	<p>“E quando eu cheguei aqui, o avião aterrizou, saí, peguei a minha mala, saí do aeroporto, assim fora do aeroporto e levantei cabeça e eu <b>vi cidade de Fortaleza aí entrei em pânico, assustada, com medo</b>, comecei a reviver o que eu consumia de informação da notícia aí...”</p> <p>“<b>TV Record, eu acompanhava TV Recod, Record News que passava notícias sobre... mas, naquela notícia era só morte, crime, não sei o que essas coisas aí quando cheguei, pra mim, meu Deus! (risos)</b>”</p>
<b>Estudante 03</b>	<p>“Aí eu tirei os meus documentos e entregar sem vontade nenhuma de dizer que eu estou com assim ideia, sentir uma vontade de que eu vou ter uma bolsa para ir no Brasil, porque o Brasil sempre tem um nome assim, porque este tipo de <b>assistir a televisão a gente assiste muitas coisas lá dizendo que o Brasil tem facada, muitas coisas que eu não vou mencionar tudo.</b>”</p>
<b>Estudante 04</b>	<p>“os meus companheiros ficaram tão impressionados, porque não esperavam do que iam encontrar aqui. <b>Esperavam que iam encontrar aquele Brasil de telenovela</b></p>
<b>Estudante 05</b>	<p>“<b>A preocupação era a questão de assalto, não é? o que a gente ouvia e tal...</b>”</p> <p>“Não, não queriam. <b>Eu sou filho único, então é o nome do Brasil, não é Brasil, crime e tal, então tem um filho único lá, um homem então.</b> Eles tinham esse medo...”</p>

Ao observar esses enunciados descritos nesta seção, podemos ressaltar que a migração para os estudantes guineenses se caracteriza pela pressão: a dificuldade em conseguir os documentos (diplomas, certificados, passaporte, etc) e a ansiedade causada pelo medo de morar num país violento. Além disso, é importante destacar que a migração para o Brasil não é o sonho de vida dos estudantes, mas uma necessidade de sobrevivência para fazer um curso superior.

## 4.2 Construindo uma missiologia diaspórica sensível à realidade social do migrante africano

A contribuição para uma missiologia diaspórica a partir das entrevistas de estudantes universitários guineenses passa também pela sensibilidade da realidade social desses migrantes no Brasil. Ser sensível ao contexto de vida envolve tanto os aspectos negativos quanto positivos da migração, pois o migrante busca uma vida que seu país de origem lhe nega. Destacamos a seguir algumas falas dos estudantes sobre esta dinâmica de aspectos negativos e positivos da vida na Diáspora.

### *Aspectos negativos da Diáspora:*

- *A dupla ausência:* De acordo com Sayad (2000) o migrante nunca se sente pertencente a nenhum dos dois lugares. Primeiro, a família, os amigos e a vida que deixou para trás permanecem como uma ausência em sua nova vida no país de destino. Segundo a presença física no país de origem deixa de existir. Essa análise sobre o migrante feita por Sayad (2000) pode ser observada nos enunciados dos estudantes:

**Quadro 10:** A dupla ausência

Estudante	Enunciado	Observações
01	“Da minha família (risos), assim, perder, tô perdendo momento de crescimento dos meus irmãos pra poder tá lá e contribuir, como eu sou a única crente da nossa família, eu queria estar com eles pra poder orientar (...) Daí assim, da minha família, e da comida da minha mãe”	Notem que as expressões “...perder momento de crescimento dos meus irmãos” ausência sentida dos familiares no Brasil. Já “estar com eles” lá em Guiné-Bissau, aponta para a ausência da presença física em Guiné-Bissau.
04	Numa época de enfermidade: “...era um momento de tanta dor e eu ficava recordando dos tratamentos das minhas irmãs. A atenção que ela me dava com a minha mãe. Foi um momento de tanta reflexão e de tanta tristeza, porque a atenção que. Atenção, que eu recebi antes, já não pode receber agora. E esse é o momento que eu senti mais falta dos meus familiares.”	Nesse enunciado, a ausência da presença física se faz no momento que a estudante recorda como ela era tratada lá em Guiné-Bissau pela sua irmãs e mãe. Já a ausência dos familiares aqui em Acarape se expressa pelo momento de reflexão: “Foi um momento de tanta reflexão (...) Atenção, que eu recebi antes, já não pode receber agora.”
06	Destaque uma experiência negativa e positiva aqui em Acarape/CE:  “A negativa é, primeiro começo com a saudade de casa, porque tem dias que, tipo assim, eu quero estar com meus irmãos, com a minha mãe. É e também quando a gente recebe notícias, por exemplo, quando eu recebi a notícia do falecimento da minha prima, também era que eu era muito achegada a ela, a minha tia também. Enfim, vários parentes que você escuta é... fala assim, de repente, a pessoa morreu sem adoecer e tal.”	As expressões “saudade de casa” e “Enfim, vários parentes que você escuta é...fala assim, de repente, a pessoa morreu sem adoecer e tal.” remetem a ausência dos familiares em Acarape/CE e o desejo de tê-los aqui. Já a expressão “...porque tem dias que, tipo assim, eu quero estar com meus irmãos, com a minha mãe” aponta para ausência física lá em Guiné-Bissau.

- **Discriminação e Racismo:** outra realidade social identificada nas entrevistas foi a discriminação racial através dos olhares e o racismo. O estudante 02 compartilha o fato de que alguns acarapenses veem os estudantes como o negro: “*É sempre viver na desconfiança, cuidado, porque qualquer ação você é traduzido como a ação do estrangeiro, sobretudo de um negro, ainda, né? Então é cuidado, ficar atento pra qualquer coisa, né? É estar atento.*”. Ainda no relato do estudante 02 pode-se verificar o sentimento dele quando vai fazer compra no supermercado/mercantil da cidade. Esse ambiente deveria ser de segurança, torna-se uma ida com cautela por causa da discriminação racial: “*Por exemplo, mesmo quando você chega num espaço, por exemplo o*

*mercado, suponha o mercado (...) você chega com toda a vontade de qualquer coisa e você acaba percebendo que está sendo tratado como um negro, como um diferente”.*

No relato da estudante 01, há a experiência de agressão na rua: *“um rapaz chegou na bicicleta, pensei que ele ia parar pra descer, chegou lá, parou na minha frente, tirou o pé da bicicleta, pisou no meu joelho, assim, pisou, com força, sorte que ele pisou de lado, aí eu escorreguei assim pra frente, se ele tivesse pisado na frente, teria quebrado meu pé.”*

A pesquisa de Müller; Silva (2016) cita o trabalho de Hirsch (2007) com estudantes universitários cabo-verdianos no Rio de Janeiro. No trabalho se destaca que na cidade esses estudantes eram considerados como assaltante e favelados:

“De acordo com Hirsch (2007), sobre os negros e mulatos nacionais recaem pesados estigmas, inclusive a imediata associação entre essas pessoas e a classe mais baixa da sociedade, assim como a assaltantes. Desta forma, os estudantes acabam por ser afetados, em muitas situações, pelos mesmos estigmas reservados ao negro brasileiro. A projeção desse estigma é tão forte que muitas vezes os negros são vistos como ‘favelados’ e ‘assaltantes’, e assim também o são os estudantes (Silva, 2016, p.60 *apud* Hirsch, 2007).

Aqui gostaríamos de compartilhar uma experiência que presenciamos na inauguração do *Fo Kaira Coworking* na cidade de Acarape/CE. No dia participaram aproximadamente dez estudantes guineenses. Os olhares dos vizinhos pareciam de reprovação ao deixar aqueles estudantes entrarem nesse novo espaço na cidade. Na vizinhança, o racismo foi diminuindo através da conscientização dos vizinhos sobre a cultura guineense, o respeito que os jovens têm pelas pessoas mais idosas, os sonhos dos familiares deles em ver os filhos fazendo um curso superior etc. Atualmente, há um ambiente na vizinhança muito mais acolhedor ao estudante africano do que em 2022. Alguns comentários dos vizinhos como: “Esses estudantes são animados, cantam bonito” (referindo-se à comunidade evangélica guineense em momentos de louvor no *Fo Kaira Coworking*), “Rapaziada bacana essa dos estudantes”. Houve até uma nutricionista brasileira que doou o tratamento para três estudantes guineenses ao saber da gravidade de saúde delas.

O livro de Monteiro (2023) intitulado *O Estigma da cor: como o racismo fere os dois grandes mandamentos de Cristo* traz a seguinte reflexão para compreendermos a dimensão do racismo:

“Em minha visão, o racismo se dá de modo individual e sistêmico ao mesmo tempo. Tentei demonstrar como o legado da escravidão reafirma a discriminação de cor e o racismo – lembre-se que a escravidão sempre existiu, mas somente a escravidão africana teve como base o elemento cor. Nesse sentido amplo, não existe racismo reverso, pois não existe um sistema que oprime o branco pelo fato de ser branco. Os brancos não foram escravizados e subjugados de forma que os negros foram. As pessoas brancas não foram e não são ‘minorizadas’, num sentido de representatividade, num sentido de educação, saneamento básico e empregos bons. São duas coisas: (1) Acredito que o preconceito e a discriminação não são unilaterais, mas se manifestam de ambos os lados. Ou seja, negros podem ser, sim, preconceituosos contra brancos e até vir a discriminá-los; (2) Ainda assim, quero reafirmar que os negros não dispõem de poderio para oprimir os brancos. (Monteiro, 2023, p.57-58)

- *Preconceito linguístico*: a estudante 04 relatou o preconceito linguístico sofrido numa das disciplinas na universidade. O professor da disciplina faz severas críticas aos discentes africanos que não pronunciam “direito” o português brasileiro. Observem a intensidade que a palavra “terror” modela o final do enunciado: *“Aquilo não é um ensino, para mim não é ensino. Aquilo é mais colocado para o aluno ficar com medo, porque todo o aluno que tem medo do professor não vai se aproveitar nada nessa disciplina. Só vou estudar para passar. Porque é momento de tanto terror, é terror mesmo, é terror, não é ensino.”*.

Uma das características marcantes na pronúncia do português guineense é o /r/. No português brasileiro, o /r/ será velar ou glotal, produzido no fundo da garganta, já o /r/ do português guineense será uma consoante vibrante produzida com a ponta da língua. O /r/ guineense é muito usado pelos locutores de futebol no Brasil. O som da consoante /r/ acaba se tornando uma marca de preconceito linguístico.

- *Barreira linguística*: um dos maiores desafios para o migrante universitário guineense é o uso da língua portuguesa. Oficialmente a língua de Guiné-Bissau é o português. Porém, no dia a dia, as línguas guineenses e étnicas são as que transbordam na boca do povo. Portanto, o desafio em relação a língua portuguesa está no uso da língua escrita em gêneros textuais acadêmicos (resenha, resumo, projeto de pesquisa, TCC, etc) que são caracterizados por uma estrutura de escrita mais elaborada. Diante disso, os estudantes com uma

oralidade fortíssima baseada nas línguas guineense e étnicas enfrentam um grande desafio durante os cursos de graduação em relação à escrita dos textos acadêmicos.

A angústia da escrita de gêneros textuais acadêmicos é expressa pelo estudante 03: *“Como eu sou, eu sou uma pessoa que **nasci no interior**. Aprendendo a outra língua que não é uma língua nacional, que é a **língua balanta**. Depois passei para a **cidade**, começando a enfrentar a outra língua que é a **língua crioulo**, **chegar aqui vai ter dificuldade muito com a língua portuguesa**.”*. Notem que a língua materna dele é o balante. Depois na cidade de Bissau, capital do país, ele aprendeu o guineense e, por fim, a língua portuguesa que é sua terceira língua.

A estudante 01 compartilhou o medo de se expressar em sala de aula na língua portuguesa: *“foi a **maior dificuldade de expressar com o português** que não é (risos), **será que eu vou falar certo**, daí passava mil e uma coisa na minha cabeça, porque eu **pensava em crioulo para falar em português**, aí só **por causa do medo eu errava**, eu trocava vocabulário, eu trocava artigo, eu trocava tudo. Eu sentia mesmo, literalmente, uma burra na sala de aulas. (risos)”*

É importante ressaltar que a barreira linguística é um dos maiores desafios para todo o continente africano. Em pesquisa pessoal, verifiquei que nenhuma língua étnica do continente africano é usada na educação. Com exceção da África do Sul onde 11 línguas étnicas foram oficializadas. Portanto, há a necessidade de conscientização e de ações de políticas linguísticas tanto para o uso quanto para a oficialização das línguas étnicas africanas. O poema da escritora Odete Semedo traz a angústia que o falante guineense carrega da invisibilidade de suas línguas maternas. Em qual língua o falante guineense deve falar? Na língua lusa (portuguesa) ou no crioulo? As declarações de amor, os feitos do povo, as cantigas são os contextos sociais mais íntimos de qualquer nação. No caso dos países do continente africano, ainda a escrita estrangeira é imposta para os falantes africanos, deixando de lado todo o rico acervo linguístico e cognitivo que há no continente manifesto através de cada falante:

Em que língua escrever  
As declarações de amor?  
Em que língua cantar  
As histórias que ouvi contar

Em que língua escrever  
Contando os feitos das mulheres  
E dos homens do meu chão?  
Como falar dos velhos  
Das passadas e cantigas?  
Falarei crioulo!

Mas que sinais deixar  
Aos netos deste século?  
Ou terei que falar  
Nesta língua lusa  
E eu sem arte nem musa  
Mas assim terei palavras para deixar  
Aos herdeiros do nosso século

Em crioulo gritarei  
A minha mensagem  
Que de boca em boca  
Fará sua viagem  
Deixarei o recado  
Num pergaminho  
Nesta língua lusa  
Que mal entendo  
(Semedo, 1996, p. 12-13)

- *Aspectos positivos vividos na diáspora:* ao migrar, os estudantes guineenses enfrentam várias dificuldades desde o processo concorrido de seleção para a universidade/Unilab até as adaptações, passando por racismo, preconceitos linguísticos, barreiras linguísticas, saudade dos familiares, etc. Porém, também há ganhos nessa vivência da diáspora. Através das entrevistas, podemos destacar os seguintes aspectos:
  - a) *Acesso a novos conhecimentos no curso superior:* a entrada na universidade, permite que os estudantes tenham contato com novos gêneros textuais acadêmicos que exigem mais reflexão e elaboração escrita. Provavelmente, a experiência de um contato com esse tipo de gênero textual não haveria em Guiné-Bissau por causa das políticas educacionais que não favorecem a educação para o povo. No enunciado do estudante 06, nota-se essa oportunidade de conhecer os gêneros textuais acadêmicos nas disciplinas de

Leitura e Produção de Texto 1 e 2: *“a minha professora de LPT 1 e 2, ela foi tipo assim, muita gente acha ela rígida e tal, mas ela foi a pessoa que me ajudou assim muito. Por exemplo, nas não é que eu não sabia é interpretar texto, mas tipo assim, eu aprendi com ela, como, por exemplo, ler um artigo, é tipo jeitos, não é? de ler para poder entender, criar anotando as palavras-chaves e tal, ler mais uma vez. E isso assim me ajudou muito”;*

- b) *Unilab como espaço democrático de crítica e de reflexão:* o estudante 03 relata o fato de que os estudantes africanos podem debater, fazer críticas em relação à política em Guiné-Bissau sem nenhuma interferência do órgão gestor da educação. Em Guiné-Bissau, o aluno não encontra essa ambiência de uma reflexão crítica na sala de aula: *“Aqui na unilab, eu vou dizer aqui na unilab, a aulas é aberta. Não é como um país que a gente não pode falar assim abertamente, a gente discute de jeito assim que até podemos dizer num outro país, não é admissível, porque aqui a gente até repudia o que gente fizeram que não é melhor para nós. Repudiamos sem nenhum sem ver nenhuma reclamação do, do a parte do gestor da escola assim, não, não. Eu acho que é só positivo.”*
- c) *Inclusão social:* o estudante 03 compartilha que em Guiné-Bissau não seria possível estudar numa faculdade, pois o gasto financeiro é muito alto para famílias de baixa renda. No Brasil, ele ficou impressionado pelo fato da universidade ser gratuita, o que não ocorre em seu país. Ainda ele destacou a ajuda financeira dada pelo governo brasileiro para que os estudantes de baixa renda permaneçam na universidade durante o curso de graduação: *“Como eu já tinha dito, na Guiné, para fazer universidade, ela tem que ser, a pessoa que tem família com dinheiro. Aqui a gente chegamos aqui e encontramos uma universidade que a gente não paga nada. Até os governos brasileiros deram aquele R\$ 530 é uma coisa tão diferente com o nosso país. Na Guiné-Bissau nenhuma escola você cursa desde primária até 12 ano. É só pagar, não tem escola grátis. Aqui é, a escola, é a grátis. Aí tem muita diferença, tem muita diferença para estudar lá, como eu já tinha, os que estudaram lá, os que tem famílias, com meios de financiar. Tem muita diferença”.*

- d) *Acolhimento no tratamento de saúde pelo SUS*: o estudante 05 destacou que nasceu com o tímpano perfurado. Em Guiné-Bissau, não havia meios de ser feita essa cirurgia. Ele conseguiu realizar a cirurgia via SUS no hospital Leonardo da Vinci em Fortaleza: *“Fiz cirurgia, deu, e era para... que eu nasci com essa doença, tímpano perfurado, aí vim dos meus 27 anos, tímpano perfurado, então graças a Deus, graças ao SUS, não é? Consegui Secretaria Municipal de Saúde de Redenção consegui vale para cirurgia em 2023 e em 2024, início de 2024 no dia 3, dia 2 de Janeiro, fui internado em 3 fiz, fiz cirurgia no hospital em Fortaleza, em Leonardo da Vinci. Estou bem, tímpano já recuperou, está tudo bem, graças a Deus estou também trabalhando agora...”*
- e) *Mais oportunidade no mercado de trabalho*: o estudante 05 ressalta a diferença entre o mercado de trabalho em Guiné-Bissau e no Brasil. Em Guiné-Bissau, ele teria que ser filiado a algum partido político, enquanto no Brasil, ele pode fazer concurso público sem filiação partidária: *“Aparelho no Estado, por exemplo, tem lá, tem que ter padrinho lá, tem que fazer parte de uma formação política partidária e negócio de concurso lá é mais para organizações não governamentais. Ali tem processos lá que tu pode concorrer e conseguir de boa, só que aqui só que a vantagem de trabalhar num Estado que você tem de aposentadoria é garantir. Acho que é verdade então o Brasil para nesse caso, o Brasil seria muito melhor para mim do que Guiné-Bissau”*

#### **4.3 Construindo uma missiologia diaspórica através de uma prática missionária encarnacional-relacional**

Observando o contexto social dos estudantes guineenses através das entrevistas, podemos notar de alguma forma que os contextos são relacionais. A última pergunta do questionário era sobre “O que te falta para ser mais feliz aqui (em Acarape)?” As respostas foram surpreendentes, pois esperávamos que haveria preocupação em relação a bens materiais, posições, cargos, conquistas pessoais, etc. Mas as respostas expressaram de alguma forma vínculos de relacionamentos que precisam de alteridade para se concretizarem:

*O que te falta para ser mais feliz aqui?*

Estudante 01 - A estudante está falando sobre fazer esporte com as amigas:

*“...eu sinto falta de um espaço, principalmente desportivo, de lazer”.*

Estudante 02 - Não se sentir discriminado:

*“Por exemplo, quando você vai no mercado e não se sente discriminado, quando vai pra qualquer lugar, na sala de aula.”*

Estudante 03 – aprender o português para viver no Brasil:

*“Eu acho que (risos) vai ser mesmo, é só... é só...ter língua, dominar logo a língua portuguesa muito bem assim, falar como brasileiro. Acho que é ISTO, é basta, é só falar língua de uma... não pode ser, de uma condição assim perfeita como nativa, mas falar também como uma pessoa que aprende falar muito bem, falar com clareza.”*

Estudante 04 – estar com os amigos traz felicidade:

*“Eu acho que no mundo também não é todo mundo que tem esse lado tão mal, ruim, mas assim, eu acabei encontrando vocês também que são pessoas tão maravilhosas que me acolheram e tenho também os meus amigos que dos outros países parceiros. E tem também algumas pessoas dos meus países e esse lugar sempre me traz a felicidade que eu nunca encontrei aqui. Quando eu estou perto mais deles, eu fico tranquila, fora esse momento de terror e medo.”*

Estudante 05: casamento

*“Os meus pais também estão a me cobrar já filhos e tal, então... eu acho que uma mulher que a gente se entende e completaria tudo porque parte de acadêmica está fluindo.”*

Estudante 06 – ter os familiares aqui em Acarape/CE:

*“Eu diria que é a presença dos meus familiares. Isso faria total diferença. Não que a gente não tenha pessoas especiais aqui, a gente tem, mas tem hora que pega saudade mesmo.”*

Com base nos enunciados que expressam o desejo de felicidade e nos enunciados anteriores colocados neste capítulo que remetem ao contexto de vida dos estudantes migrantes, retomamos o problema dessa pesquisa, a saber: como podemos ter uma prática missionária acolhedora, relacional, que respeita a alteridade e seja encarnacional - que consegue se colocar no lugar deles e entrar no mundo

deles - de forma que possa diminuir o estranhamento com “este outro”, o migrante africano no Brasil?

Observando a fala dos estudantes sobre o difícil processo da separação da família, os medos sobre a vinda ao Brasil, a vivência do racismo, do preconceito linguístico e as oportunidades de ter acesso ao estudo de ensino superior, enfim, essas realidades descritas por eles, elas nos trazem a consciência de que esse migrante não preenche o estereótipo que normalmente construímos sobre a vinda deles para o Brasil. Geralmente, o migrante africano é classificado como uma pessoa intrusa em nosso país. Ele está aqui para se aproveitar do que é bom.

Ao acolher esse conhecimento sobre a vida do estudante africano em nossa terra, podemos lembrar do modelo de alteridade de Jesus que nos constrange a sentar à mesa com o outro diferente de nós: “Então Levi lhe ofereceu um grande banquete em sua casa; e era grande o número de publicanos e outras pessoas que estavam com eles à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus perguntando: ‘- Por que vocês comem e bebem com os publicanos e pecadores?’” (Lucas 5:29-30).

A mesa é símbolo de um espaço de alteridade que acolhe, escuta, tem empatia e partilha ensinamentos. No Evangelho de Lucas, há o registro de dez mesas que Jesus sentou-se (Lucas 5:27; 7:36; 9:10; 10:38; 11:37; 14:1; 19:6-9; 22:7; 24:30 e 24:42). No artigo *As refeições de Jesus em Lucas* de Perondi (2018), o autor descreve as mesas de Jesus da seguinte maneira:

“...as dez refeições em que Jesus participa no Evangelho de Lucas são refeições de acolhida e hospedagem, de solidariedade com os famintos ou refeições celebrativas com caráter litúrgico. A preocupação de Lucas não é descrever as refeições, mas ver como Jesus aproveitou este momento para ensinamentos e transmitir a sua mensagem.” (Perondi, 2018, p.85).

Sentar-se à mesa como prática missionária pode ser a oportunidade de desenvolver ambiências que acolham o migrante africano diminuindo a nossa distância e estranhamento em relação a este outro. A seguir, iremos compartilhar como fomos desenvolvendo uma prática missionária encarnacional-relacional baseada na alteridade com os estudantes africanos na cidade de Acarape/CE.

### **4.3.1 *Fo kaira Coworking*: um espaço missionário de acolhimento, partilhas e empatia**

O projeto missionário *Fo Kaira Coworking* foi criado no segundo semestre de 2022. O nome *Fo Kaira* vem da língua bafada de Guiné-Bissau e significa “coisa boa”. A escolha desse nome foi uma forma de valorizar as culturas africanas através de uma das línguas desse continente que, assim como outras línguas, acabam sendo invisibilizadas por serem consideradas pelo estrangeiro como um simples dialeto.

Inicialmente o *Fo Kaira* foi planejado para ser um local onde os estudantes pudessem frequentar diariamente para estudar e ler. Porém, durante a caminhada com a comunidade dos estudantes africanos, fomos percebendo que o propósito teria que ser alterado pelo fato deles preferirem atendimentos de mentoria acadêmica de forma individual. Dessa maneira o espaço foi sendo organizado de acordo com a proporcionalidade que íamos nos aprofundando nos relacionamentos de uns com os outros. Nessa caminhada, o espaço *Fo Kaira* foi se transformando num ambiente onde a identidade africana fosse respeitada sem precisar que os estudantes ressignificassem a sua identidade para se adequar a identidade esperada pelos brasileiros. Por isso, normalmente cada monitoria acadêmica começava em algum texto do gênero acadêmico e terminava em desabafo e em oração.

O dia a dia do *Fo Kaira Coworking* acontecia por meio de cinco áreas de desenvolvimento de práticas missionárias, a saber:

- *Conhecendo o outro*: essa área contém as atividades de contextualização para conhecer e ser presença na vida dos estudantes africanos. Frequentávamos os eventos universitários realizados pelos estudantes: recepção aos calouros africanos; festas comemorativas de independência dos países de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé-Príncipe; congressos, minicursos, palestras coordenadas pelos estudantes africanos; presença em várias apresentações de Trabalho de Conclusão de Curso dos estudantes africanos no final do semestre;
- *Diaconia do caminho*: procurávamos auxiliar os estudantes através de aconselhamento e visitas de *mantenhas di tchoro*/de pessoas enlutadas. Um dos maiores desafios que os estudantes africanos vivem é o falecimento de

familiares queridos (pai, mãe, tio, tia, primos, irmãos, etc). Essa é uma das áreas principais numa prática missionária com o foco no estudante africano em Acarape: consolar os abatidos de coração no momento do luto ausente; acompanhamos alguns estudantes aos hospitais e postos de saúde da cidade. A consulta médica acaba sendo um desafio para a vida dos estudantes, pois os profissionais na área da saúde não têm o preparo adequado para oferecer o suporte ao estrangeiro de uma língua diferente, o que acaba gerando tensão entre o médico e o paciente no momento do atendimento;

- *Ministério da mesa*: um dos momentos de alteridade foram os lanches ao redor da mesa tanto no *Fo Kaira coworking* quanto na casa dos estudantes. Na cultura africana, a partilha da mesa é um gesto carregado de um momento especial, pois a partilha de uma refeição com o outro significa conhecê-lo, saber o que o outro pensa e deixar ser conhecido pelos outros;
- *Partilha da Palavra de Deus*: fizemos pregações em cultos na Igreja Bíblica Batista de Acarape, em um acampamento da Comunidade Evangélica de Estudantes Guineenses (CEEG) na cidade de Pacoti/CE e nos encontros de recepção aos calouros realizados pela CEEG. Nas pregações, buscávamos abordar de forma bíblica os assuntos discutidos na universidade: o significado da vida, a colonização cristã x um estilo de vida bíblico; mensagens para os momentos de luto; ser estudante universitário como um momento ímpar de testemunho de Cristo, etc. Além disso, partilhávamos a Palavra de Deus por meio da roda de leitura ou o *Djumbai* da leitura realizada aos domingos à tarde. Líamos juntamente com os estudantes evangélicos livros e textos com diversas temáticas (vocação missionária, sermão do monte, racismo, o cristão na política: testemunho ou negação do Evangelho, fé e ciência, etc);
- *Diaconia acadêmica*: uma das formas de servir com o amor de Cristo a comunidade dos estudantes africanos da Unilab foi através de minicursos sobre Escrita Acadêmica e mentoria acadêmica na elaboração dos gêneros textuais acadêmicos. Também ministramos aulas sobre linguística africana. Todos esses serviços foram realizados gratuitamente.

Diante de uma prática missionária encarnacional-relacional, que respeita a alteridade, o desafio, segundo Nascimento (2013, p.55), “não é quanta ação missionária é requerida hoje, mas que tipo de ações missionárias são necessárias que coloquem o outro como a preocupação principal de nossas práticas missionárias”. Ao olhar para trás, as práticas missionárias desenvolvidas a partir desse ambiente de acolhimento ao estudante migrante africano na cidade de Acarape, podemos observar que os gestos mais relevantes são os mais simples que passam despercebidos pela nossa cultura brasileira. Palavras de encorajamento, dedicar horas de *djumbai*/dedo de prosa, frequentar as programações organizadas pelos estudantes, investir tempo na leitura de textos escritos por eles, socorrê-los em momentos de enfermidades, dar *mantenhas di tchoro*, isto é, chorar junto com os enlutados etc., essas atitudes são como sementes do amor de Cristo cultivadas na vida dos estudantes migrantes.

Uma das estudantes nos disse o seguinte sobre o *Fo Kaira Coworking*: “*Vocês têm um espaço que a gente se sente acolhido e que a gente pode falar crioulo que vocês entendem*”. Já o estudante 02 disse o seguinte sobre o *Djumbai* da leitura: “*muito alegria em dizer que esse momento da leitura aqui acaba me ajudando e outros momentos, frequentando aqui, eu converso com alguma outra pessoa*”. Ao ouvir essas duas falas, elas nos lembram e ensinam que o alvo das nossas práticas missionárias com os migrantes africanos deve ser encarnacional-relacional, isto é, uma prática missionária voltada para uma caminhada em que possamos conhecer os migrantes africanos, se interessar pela vida deles e compartilhar o amor de Cristo com essa diáspora em constante deslocamento geográfico e emocional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa intitulada “Migração, missão e alteridade: contribuições para a construção de uma missiologia diaspórica a partir dos estudantes africanos em Acarape/CE” procurou descrever através de estatísticas a migração africana no Brasil. Partindo do contexto de que o Brasil tem sido um país onde cada vez mais migrantes africanos estão chegando, esse cenário se coloca como um grande desafio missionário para as igrejas locais. Um dos problemas destacados na pesquisa é como a igreja local pode ter uma prática missionária centrada na alteridade de forma que possa diminuir o estranhamento com “este outro”/migrante africano no Brasil?

Com base nas reflexões feitas nos capítulos de 1 a 4 em que apresentamos dados gerais da migração africana; analisamos o conceito de alteridade na obra de Todorov (1993) tendo como referência a vida de Jesus Cristo, nosso exemplo de perfeita alteridade encarnada com as percepções e os sentimentos do céu; realizamos uma entrevista aberta com seis estudantes guineenses, identificando os desafios tanto da migração para o Brasil quanto da vivência deles na cidade de Acarape/CE. Portanto, a partir desse percurso de pesquisa, de leituras, de questionamentos e de reflexões durante o processo da escrita e da orientação, podemos destacar alguns pontos que podem ajudar as igrejas locais a exercer uma prática missionária encarnacional-relacional, cultivando amizades e que respeite a alteridade:

- *A conscientização de que a migração não é uma escolha ou um passeio turístico, mas uma imposição de uma realidade social externa:* nas entrevistas com os estudantes guineenses, pudemos ouvi-los e observar que a migração para o Brasil ocorre não por vontade própria, mas pelas condições socioeconômicas que o país impõe a eles;
- *Desenvolver a sensibilidade diante das realidades sociais que o migrante africano vive no Brasil:* há vivências tanto positivas quanto negativas. Entre as positivas, as entrevistas apontaram o acesso à educação superior de qualidade e gratuita no Brasil, sendo que no país de origem desses migrantes, a educação superior é possível em Portugal, porém somente para estudantes com muito recurso financeiro conseguem uma bolsa na Europa. Portanto, estudar no Brasil envolve expansão dos dons e talentos desses migrantes universitários. A vivência negativa passa pelo enfrentamento do racismo, do preconceito linguístico, pela barreira linguística, pela dupla ausência (o lugar do migrante não é nem mais em Guiné-Bissau nem mais no Brasil);
- *Cultivar práticas missionárias relacionais:* para a igreja local interagir com a população de migrantes africanos no Brasil é preciso entrar no mundo deles, criar espaços de relacionamentos que valorizem esse migrante dialogando com sua cultura e as realidades sociais vivida na diáspora no Brasil. Enfim, as práticas missionárias centradas em relacionamentos de valorização deste “outro” contribuem para uma aproximação e interesse sincero com essa comunidade que precisa do amor de Cristo na vida em constante movimento:

“quando amamos e respeitamos as pessoas revelando-lhes o seu valor, elas podem começar a sair de trás dos muros que as protegem” / “When we love and respect people, revealing to them their value, they can begin to come out from behind the walls that protect them.” (Jean Vanier, fundador do projeto Arca).

## REFERÊNCIAS

### Livros

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O tráfico dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BETTS, Alexander. **Survival migration: failed Governance and the crisis of displacement**. Ithaca: Cornell University, 2013.

BOOR, Werner. **Evangelho de João: comentário esperança**. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002.

BRÄUMER, Hansjörg. **Êxodo: Comentário Esperança**. Tradução Doris Köber. Curitiba: Esperança, 2020.

HALLESBY, Ole. **Oração: o segredo de abrir o coração**. Tradução Dilmar Devantier. Curitiba: Encontro Publicações, 2011.

HIEBERT, Paul. **Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. Tradução Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho e as diversidades das culturas: um guia de antropologia missionária**. Tradução Maria Alexandre Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAUSANNE. **O Evangelho e a cultura: contextualização da Palavra de Deus**. Tradução José Gabriel Said. São Paulo: ABU, 2007.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTOS, Rinaldo. **Reflexões missiológicas: ensaios sobre vocação, evangelização e realidade missionária**. Brasília: Editora Monergismo, 2025.

MONTEIRO, Jacira Pontina Vaz. **O estigma da cor: como o racismo fere os dois grandes mandamentos de Cristo**. São Paulo: Thomas Nelson, 2023.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. Tradução Grupo de Tradução São Domingos. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Dario. **Maha Mamo: a luta de uma apátrida pelo direito de existir**. Rio de Janeiro: Globo livros, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas: comentário esperança**. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus: comentário esperança**. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução Cristina Muracho. São Paulo: EDUSP, 1991.

SAYÃO, Luiz. **O sermão do monte: a chegada do Reino**. São Paulo: Editora RTM, 2023.

SEMEDO, Odete. "Em que língua escrever?" In: \_\_\_\_\_. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

TODOROV, Tzetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WAN, Enoch (org.). **Diaspora missiology: theory, methodology and practice**. Portland: Institute of Diaspora Studies/Western Seminary, 2011.

## Artigos

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice de Oliveira Santos. Espaços das migrações transnacionais: perfil sociodemográfico de imigrantes da África para o Brasil do século XXI. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v.27, n.56, ago.2019, p.35-60

BOMTEMPO, Denise Cristina; SENA, Kananda Beatriz Pinto. Migração internacional de africanos para o Brasil e suas territorialidades no estado do Ceará, **Geografares [online] Universidade Federal do Espírito Santo**, vol. 33, 2021. Disponível em :<<http://journals.openedition.org/geografares/3379>>. Acesso em: 31 de maio de 2024.

BOSI, Antônio Padua; PEREIRA, Fagner Gulhielmi. Imigrantes africanos e haitianos no Oeste e Sudoeste do Paraná no século XXI. **Revista de História Regional**, vol. 28, p.1-22, 2023.

CIERCO, Teresa. Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais. In: CIERCO, Teresa et al. **Fluxos migratórios e refugiados na atualidade**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2017.

GONZAGA, Waldecir. A noção de verdade e de Evangelho no N.T. **Atualidade Teológica**, v.46, p.15-37, jan./abr. 2014.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, Campinas, vol.26, p.191-204, 2011.

GRUBBA, Leilane Serratine; CADORE, Caroline Bresolin Maia. Desenvolvimento humano e migrações: refugiados ambientais e econômicos. **Direito & Paz**, São Paulo, Lorena, Ano XV, n.44, p.307-331, 1º Semestre, 2021.

MACIEL, Wellington. Usos de uma cidade da Liberdade: estudantes africanos em Redenção, **Caderno CRH**, Salvador, v.30, n.79, p.189-201, Jan./Abr. 2017.

MOTA, Eduardo Luiz Andrade; SILVA FRANCO, Anamélia Lins; MOTTA, Mirella Cardoso. Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, número 12, vol. 1, 1999.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; SILVA, Áurea Gardeni. A experiência de estudantes africanos no Brasil. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.25, n.45, p.55-70.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **Revista Internacional de Mobilidade Humana**, Brasília, nº 38, p.125-139, jan./jun. 2012.

PACÍFICO, Andrea Pacheco; PINHEIRO, Andrezza Teles; GRANJA, Júlia Patrícia Ferreira de Vasconcelos; VARELA, Adolfo. Mobilidade Humana e Migração. In: **O Estado da Arte sobre Refugiados, Deslocados Internos, Deslocados Ambientais e Apátridas no Brasil: atualização do Diretório Nacional do ACNUR de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso de graduação em João Pessoa (Paraíba) e artigos (2007-2017)**. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

PERONDI, Ildo. As refeições de Jesus em Lucas. **Estudos Bíblicos**, vol. 35, n.137, p.85-101, jan./mar. 2018.

PUSSETTI, Chiara. Identidades em crise: imigrantes, saúde mental e emoções em Portugal. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.19, n.1, p.94-113, 2010

SAYAD, Abdelmalek. A ausência é uma falta. **Travessia especial**. Jan. 2000.

SILVA, Allan Rodrigo de Campos. Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola *halal* brasileira. **Travessia - Revista do Migrante**, São Paulo, nº 73, p.21-30, Jul.– dez. 2013.

SIMÕES, Bárbara Bruna de Oliveira. Novas abordagens para a migração econômica internacional no século XXI. **Anais do IV Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p.51-61, Porto Alegre, nov. 2021.

#### **Teses**

CLARO, Carolina de Abreu Batista. **Refugiados ambientais: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global**. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em

Política e Gestão Ambiental) - Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

NASCIMENTO, Analzira. **Missão e alteridade:** descolonizar o paradigma missiológico. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

### Documentos da internet

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados **Global forced displacement hits record high**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/5763b65a4/global-forced-displacement-hits-record-high.html>>. Acesso em: 30 setembro de 2025.

\_\_\_\_\_. **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Genebra: ACNUR, 28 jul. 1951. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugueses/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugueses/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2025.

\_\_\_\_\_. **Global Trends Report 2023**. Dinamarca: ACNUR, 2024. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends-report-2023>>. Acesso em: 03 out. 2025.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Tendências Globais da ACNUR 2024**. Disponível em: <<https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 06 out. 2025.

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados **Global forced displacement hits record high**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/5763b65a4/global-forced-displacement-hits-record-high.html>>. Acesso em: 30 setembro de 2025.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA PÚBLICA. **Boletim da migração no Brasil 2024**. Disponível: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/secretaria-nacional-de-justica-senajus/boletim-migracao-8.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2025.

OBSERVATÓRIO DE MIGRAÇÕES FORÇADAS DO INSTITUTO IGARAPÉ. **Um mês após Brumadinho: a tragédia invisível dos deslocados internos**. Disponível em: <<https://atingidosvale.com/um-mes-apos-brumadinho-a-tragedia-invisivel-dos-deslocados-internos/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

PÉCHY, Amanda. Número de mortos em rotas migratórias bate recorde de quase 9 mil, alerta ONU. **Veja**, 21 mar. 2025. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/numero-de-mortos-em-rotas-migratorias-bate-recorde-de-quase-9mil-alerta-onu/>>. Acesso em: 6 out. 2025.